UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

MARÍLIA SOUZA SANTOS

O CONSUMO DA PORNOGRAFIA PELAS MULHERES: USOS E GRATIFICAÇÕES

SÃO CRISTÓVÃO
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

MARÍLIA SOUZA SANTOS

O CONSUMO DA PORNOGRAFIA PELAS MULHERES: USOS E GRATIFICAÇÕES

Dissertação apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação.
Linha de Pesquisa: Produtos, processos e discursos midiáticos.
Orientação: Profa. Dra. Raquel Marques Carriço Ferreira.

SÃO CRISTÓVÃO
2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Santos, Marília Souza

S237c O consumo da pornografia pelas mulheres : uso e gratificações / Marília Souza Santos ; orientadora Raquel Marques Carriço Ferreira. – São Cristóvão, SE, 2021.

83 f.

Dissertação (mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Sergipe, 2021.

1. Comunicação de massa. 2. Pornografia - Mulheres. 3. Mulheres – Comportamento sexual. I. Ferreira, Raquel Marques Carriço, orient. II. Título.

CDU 659.3-055.2

ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO – UFS

Título do trabalho: "O CONSUMO DA PORNOGRAFIA PELAS MULHERES: USOSE GRATIFICAÇÕES"

MARÍLIA SOUZA SANTOS

Data da defesa: 30.06.2021

Às dezesseis horas e trinta minutos do dia trinta do mês de junho de 2021, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe realizou a defesa de dissertação de Mestrado da discente MARÍLIA SOUZA SANTOS, intitulado: "O CONSUMO DA PORNOGRAFIA PELAS MULHERES: USOS E GRATIFICAÇÕES", conforme o que estabelece a resolução Nº 60/2014/CONEPE/UFS, que regula o funcionamento do PPGCOM/UFS. A banca examinadora foi realizada por videoconferência motivada pela necessidade de distanciamento social diante da pandemiade COVID-19. Composição da banca: professora Raquel Marques Carriço Ferreira(PPGCOM-UFS) – presidente da banca e orientador, professora Renata Malta (PPGCOM-UFS) – avaliador interno e professora Claudiene Santos – avaliador externo (PPGCINE- UFS). Após o discente apresentar seu trabalho, a banca fez os questionamentos e comentários referentes à pesquisa, os quais foram respondidos. Ao final, a banca se reuniu e considerou a discente APROVADA no Curso de Mestrado em Comunicação da UFS.

Cidade Universitária "Prof. José Aloísio de Campos", 30 de JUNHO de 2021

Banca Examinadora:

_____
Prof Dr.a Raquel Marques Carriço Ferreira (PPGCOM-UFS)

PRESIDENTE DA BANCA

Prof. Dr .... (PPGCOM-UFS) – avaliador interno
(participação à distância por videoconferência)

Prof. Dr. ... (...) – avaliador externo

(participação à distância por videoconferência)

AGRADECIMENTOS

Primeiro quero agradecer aos deuses que me deixaram chegar até aqui e, com isso, agradeço também minha psicóloga que cometeu o erro de me dizer que eu poderia mandar mensagem a qualquer hora do dia caso precisasse.

Agradeço minha orientadora pela paciência, carinho e cuidado todo esse tempo. Pela resistência também porque se eu estivesse no lugar dela teria me deixado pelo caminho. Mas ela não deixou e isso me faz ser eternamente grata.

Agradeço minha família que mesmo de longe e sem entender muito bem o que eu estava fazendo, torciam para que eu terminasse logo. Principalmente minha mainha que nunca entendeu o motivo pelo qual eu decidi estudar pornografia, mas no fundo ela sabe a peça que colocou no mundo, então de alguma forma faz sentido.

Agradeço também aos meus amigos e amigas que me aguentaram nas crises, nas reclamações, nos choros, nas reclamações de novo, nas alegrias, nas reclamações mais uma vez e nunca desistiram de mim.

Agradeço a CAPES por me dar suporte financeiro para realizar essa pesquisa. À banca que aceitou ler meu trabalho e ao PPGCOM por entender o momento atípico de pandemia.

Agradeço a todas as minhas entrevistadas que se jogaram junto comigo nessa investigação e me proporcionaram momentos de reflexão tão profundos, me fizeram rir e chorar com suas histórias e que foram as peças fundamentais para que isso acontecesse.

RESUMO

A internet trouxe para a pornografia uma nova possibilidade de consumo e, consequentemente, um aumento de mulheres acessando os conteúdos, de forma gratuita ou mesmo paga. Esse fenômeno conhecido como “domesticação da pornografia” (ABREU, 1997) abriu uma brecha para que o recorte de gênero pudesse ser incluído nos estudos sobre o consumo da pornografia. Outrora tidos como depreciativos e violentos quanto ao papel da mulher, os novos modelos de produções pornográficas têm sido distribuídos pela indústria, sobretudo a partir do início dos anos 2000, com uma nova abordagem da imagem e do prazer feminino. Da profusão dessa nova dinâmica e consolidação de um público alvo cativo, surgiu nosso interesse sobre o entendimento dos usos e gratificações da pornografia pelas mulheres. Nossa investigação parte da abordagem teórica de Usos e Gratificações com a tomada da Teoria Fundamentada em dados, ou Grounded Theory, como recurso metodológico de pesquisa. Através de 13 entrevistas online com mulheres de diferentes estados, idades, profissões e orientação sexual, os motivos por aprendizagem e gerenciamento de humor foram destacados para o consumo de pornografia por mulheres. Nossa proposta de estudo visa, portanto, construir uma formulação hipotética-teórica capaz de explicar os principais fatores atrativos desse produto junto às mulheres nos dias atuais.

Palavras-chave: Consumo; Motivações; Mulheres; Pornografia; Usos e Gratificações.

ABSTRACT

The internet has brought to pornography a new possibility of consumption and, consequently, an increase in women accessing the content, for free or even for a fee. This phenomenon known as “domestication of pornography” (ABREU, 1997) opened a loophole so that the gender focus could be included in studies on the consumption of pornography. Once seen as derogatory and violent towards the role of women, new models of pornographic productions have been distributed throughout the industry, especially from the beginning of the 2000s, with a new approach to image and female pleasure. From the profusion of this new dynamic and the consolidation of a captive target audience, our interest in understanding the uses and gratifications of pornography by women arose. Our investigation starts from the theoretical approach of Uses and Gratifications with the use of Grounded Theory, or Grounded Theory, as a methodological research resource. Through 13 online interviews with women of diferente states, ages, occupations and sexual orientation, motives for learning and managing mood were highlighted for the consumption of pornography by women. Therefore, our study proposal aims to build a hypothetical-theoretical formulation capable of explaining the main attractive factors of this product among women today.

Keywords: Consumption; Motivations; Women; Pornography; Uses and Gratuities.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9
1 PORNOGRAFIA: GÊNERO E HISTÓRIA 13
1.1 Diferentes Olhares e definições da Pornografia 16
1.2 O caminho da censura 19
1.3 Contexto da pornografia no Brasil 24
2 A PORNOGRAFIA E OS FEMINISMOS 29
2.1 Feminismo Radical 31
2.2 Feminismo anticensura 34
2.3 As novas pornografias e o movimento pós-pornografia 36
2.4 Mulheres consumidoras 39
3 ESTUDOS DE RECEPÇÃO 42
4 USOS E GRATIFICAÇÕES 45
4.1 Histórico e desenvolvimento dos Usos e Gratificações 47
5 ABORDAGEM METODOLÓGICA 51
5.1 Princípios da estrutura da TFD 51
5.2 Pontos Estratégicos de investigação 52
5.3 Coleta de Dados 53
5.4 Tratamento dos Dados 57
6 RESULTADOS 59
6.1 Motivações 63
6.2 Aprendizado 64
6.3 Gerenciamento de humor 67
7 DISCUSSÃO DE RESULTADOS 71
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS 77
REFERÊNCIAS 80

INTRODUÇÃO

Dentre os diversos tipos de conteúdos disponíveis para o consumo no mundo do audiovisual, a pornografia é de longe um dos mais polêmicos da história. As reflexões pelo interesse no assunto partem das áreas como da psicologia, medicina, sociologia, antropologia, e até mesmo das teorias feministas. As discussões sobre os conteúdos transcendem a dualidade entre o certo e o errado, e suas ramificações se diversificaram e adensaram em meio as investigações sobre sua necessidade ou censura.

O que eu, enquanto feminista e consumidora de pornografia, poderia me atentar a pesquisar sobre um assunto que já tenho uma opinião? Inicialmente, eu queria mostrar como nós mulheres não temos tanta escolha assim nesse meio, como temos que nos conformar com qualquer exibição de filmes como “Cinquenta Tons de Cinza” para satisfazer nossas necessidades eróticas e pornográficas.

Mas ainda não era isso que se apresentava tão importante ao ponto de me dedicar a pesquisar. Eu queria ouvir outras mulheres que consomem pornografia e foi aí que cheguei a pergunta que me fiz também antes de fazer a outras mulheres: qual o motivo para consumir pornografia?

Quando pensamos em pornografia, ainda somos levadas a conteúdos que exploram o corpo e o sexo em uma perspectiva do homem heterossexual. Em formatos como os de vídeo, sejam eles disponíveis na internet ou em canais de televisão pagos, o foco do prazer ainda é o do espectador. Mas há um crescente consumo de um novo público para os conteúdos: as espectadoras.

Minha primeira questão pessoal era se a pornografia era necessária de alguma forma para as mulheres, se o debate feminista antipornografia tinha produzido algum efeito de educar àquelas que vieram depois da década de 1980, educação essa no sentido de que os conteúdos deveriam ser banidos, pois eram nocivos, violentos e degradantes.

Sem uma resposta precisa sobre essa questão, vi tais conteúdos passarem por um processo de reconfiguração, dando espaço a maior participação feminina nas produções que passam a ser consideradas mais agradáveis e prazerosas para as consumidoras porque abordavam o sexo sob a lógica do olhar feminino.

Os chamados “pornôs feministas” ou “pornôs para mulheres” são a classe de produções insurgentes que se estabeleceu a partir da década de 2000. Muito provavelmente esse caminho tenha se iniciado com Bárbara Hammer na década de 1980, mas diretoras como Ovidie e Erika Lust fizeram história com suas produções lidando com os desafios de um mercado competitivo, pirataria, e também debates radicais que pedem o fim da pornografia de qualquer segmento.

Esse caminho de debates, reconfigurações e demandas por censura trouxeram ainda mais a necessidade de se compreender os motivos pelos quais as mulheres decidem consumir pornografia. O ponto chave foi conseguir casar a pergunta principal com os estudos de Usos e Gratificações, aonde a investigação das motivações para o consumo do conteúdo pareceu se tornar mais palpável e palatável.

Em seguida, a escolha do método da Teoria Fundamentada em Dados proporcionou uma direção acertada dentro desse estudo qualitativo por proporcionar a descrição das motivações em uma condição fluida e “quase-que-imaculada”, sem a interferência de ideias advindas de estudos anteriores que pudessem induzir os resultados da pesquisa.

Com essas condições em mente, realizei as entrevistas de forma on-line, em virtude do momento pandêmico em que nos encontramos, mas também com algumas barreiras já esperadas como a timidez em se falar sobre o assunto. Algumas mulheres, por exemplo, preferiram não ligar a câmera para que não fossem vistas, outras por sua vez, precisaram desmarcar a entrevista porque havia de algum modo, alguém em casa que as coibiriam de falar livremente sobre o assunto.

De forma factual, mulheres consomem pornografia. O site PornHub, mostra um crescimento de 5% desse público entre 2014 e 2019[1]. O XVídeos por sua vez, incorporou ao seu menu a categoria “para mulheres”. A produtora brasileira XPlastic realiza filmes pornográficos alternativos usando como referência a série XConfessions da Erika Lust, em que as consumidoras indicam aquilo que elas querem preferencialmente assistir. Ademais, nesse contexto, a chamada “domesticação da pornografia” (ABREU, 1997, p. 176) fez com que as mulheres não precisassem mais se constranger em locadoras de vídeos e outros lugares públicos para escolher um produto da sua predileção.

[1] Dados retirados dos relatórios anuais produzidos pelo PornHub Insights (https://www.pornhub.com/insights/)

Com essa constatação e voltando ao tema da minha pesquisa, parti para meu trabalho com a hipótese de que as mulheres consumiam pornografia por motivos diversos que deveriam ser escrutinados, estes a partida, eu não saberia precisar. Com essa premissa em mente, fui em busca da compreensão dos motivos pelos quais as mulheres consomem a pornografia.

No primeiro capítulo, trago um histórico sobre os materiais pornográficos e seus formatos de compartilhamento, desde folhetos até a era digital por meio da internet. Além disso, realizo um importante resgate histórico sobre a censura dos materiais desde o século XIX, com a elaboração de importantes relatórios de supressão nos Estados Unidos e na Europa, contudo, trago também a história da pornografia no Brasil e suas referências como a pornochanchada na época ditatorial.

O segundo capítulo é dedicado aos feminismos e a pornografia, através de um resgate histórico a partir da década de 1960 com o contraste da Revolução Sexual e os debates sobre a censura da pornografia. Caracterizo nesse sentido, as vertentes feministas que se colocam como contra as produções pornográficas como também, as vertentes contra a sua censura, e como esses movimentos moldaram as novas formas de se fazer pornografia.

Os terceiro e o quarto capítulos situam a evolução dos estudos da comunicação, os estudos de recepção e como se configuram os estudos multiteóricos de Usos e Gratificações, abordagem que utilizo como base para desvendar as motivações para as mulheres consumirem pornografia. O quinto capítulo traz a abordagem metodológica utilizada, conhecida como Teoria Fundamentada em Dados, que se caracteriza como uma abordagem indutivo-interpretativa, e que se utiliza de dados substantivos para o desenvolvimento de uma formulação hipotético-teórica. Ainda no capítulo cinco, me dedico a apresentação da coleta de dados, o formulário motivador das entrevistas com o questionário on-line, e as entrevistas em profundidade propriamente ditas, realizadas com as mulheres.

No capítulo seis, eu trago os resultados das entrevistas realizadas, com os depoimentos das mulheres que ajudam a identificar quais as motivações que elas percebem como cruciais para o consumo da pornografia. Após as entrevistas, as motivações por gerenciamento de humor (excitação, relaxamento, masturbação e entretenimento) e por aprendizagem (aconselhamento e autoconhecimento) foram descritas com o auxílio da exposição dos depoimentos das entrevistadas.

O sétimo capítulo é dedicado a discutir os resultados encontrados, discussão essa amparada por estudos que se assemelham ao realizado nesta dissertação. Analisando cada motivação encontrada e comparando com os resultados de trabalhos publicados sobre o tema, avalio a consistência, congruência e os conflitos dos resultados, e desse modo, trago para o trabalho, uma constelação teórica mais consistente para a visualização dos motivos pelos os quais as mulheres consomem a pornografia.

1 PORNOGRAFIA: GÊNERO E HISTÓRIA

O acesso à pornografia e materiais sexualmente explícitos se modificou ao longo do tempo e acompanhou a evolução tecnológica desde sua produção, a sua distribuição e a chegada dos conteúdos nas casas dos consumidores. O que antes era rigidamente fiscalizado e até proibido de circular e chegar ao público, hoje é de fácil acesso com o uso da Internet e possibilita até a inserção de vídeos feitos pelo próprio consumidor, criando novas categorias para o gênero da pornografia.

Desde o século XIX, a procura por fotos ou escritos proibidos por sua explicitude sexual acontece pelo mundo, com uma maior concentração de relatos encontrados na Europa e Estados Unidos. Para burlar a censura aos conteúdos, os usuários recebiam seus produtos através de correspondências e podiam desfrutar de suas imagens ou textos em suas casas individualmente ou compartilhando com amigos (BAKKER; TAALAS, 2007, p. 100).

Díaz-Benítez (2010) lembra que "no Renascimento, eram feitas representações de sexo explícito que feriam o pudor, e que Sade, no século XVII, abalou a filosofia e a sociedade com suas descrições 'obscenas'" (DÍAZ-BENITEZ, 2010, p. 18), neste sentido, essa pornografia era pensada como uma forma de questionar e criticar instituições como a nobreza, a Igreja e até mesmo o povo em geral. A autora ainda afirma que a pornografia que conhecemos hoje, nasceu apenas no final do século XIX, deixando o caráter crítico um pouco de lado e trazendo a excitação como principal norte dos conteúdos (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p. 19).

Quando os vídeos se tornaram mais populares, os *stags* são considerados como os mais próximos dos filmes pornográficos que conhecemos hoje por ter características mais explícitas em um momento ainda muito comedido da nudez e do sexo. No final dos anos 1800 e início de 1900, "os *stags films* ou *dirty movies* eram (são) filmes curtos, de cerca de sete minutos ou menos, mudos em preto-e-branco" (ABREU, 1996, p. 45).

A ascensão dos *stags* foi o ponto chave em que se passou a consumir o pornográfico e não mais apenas o erótico, devido à explicitude dos filmes. Apenas depois de alguns anos é que o primeiro filme pornográfico nos moldes que conhecemos hoje em dia foi lançado, de acordo com a Playboy, *Free Ride* (1915) foi o pioneiro do gênero cinematográfico em questão (ABREU, 1996, p. 52).

Apesar de se apresentar como um conteúdo muito próximo dos filmes pornôs atuais, os *stags* "construíam mais um prazer visual compensatório para a separação física e espacial do espectador que a possibilidade de projetá-lo na ação" (ABREU, 1996, p. 47). Ou seja, a

excitação vinha de observar as imagens como um *voyeur* e não se imaginar dentro da cena consumida realizando o ato com a atriz, visto que os *stags* eram pensados e reproduzidos para grupos de homens.

Tanto nos Estados Unidos como na Europa, com maioria de relatos na França, os *stags* eram passados em bordéis como uma forma de incentivar o telespectador a desfrutar das "diversões" que o espaço oferecia. "Se não podia 'satisfazer plenamente' sua platéia, no sentido de lhe permitir 'entrar e sair' do espaço diegético do filme, o *stag* deveria procurar satisfação fora dos termos puramente visuais dos filmes" (ABREU, 1996, p.48).

Com o contexto da II Guerra Mundial, os anos de 1930 trouxeram o conceito do *softcore*, onde o erótico caminhava para a aceitação social com pequenas cenas como a exibição de seios de forma quase despercebida e acelerada nos filmes. Já nos anos de 1940, os filmes tornaram-se mais apelativos sexualmente, mas ainda seguindo uma linha conservadora do *softcore*.

> Os filmes, de acabamento em geral modesto, continham algumas boas intenções além do objetivo óbvio de faturar bastante. A maior parte deles tinha um cunho didático-científico: alerta contra as doenças venéreas, o nascimento de bebês, o perigo das drogas etc. Possuíam um toque de escândalo e uma aparência formal conservadora. Nudez, só velada. Sexo, somente com uma porta fechada entre a câmera e o casal.(ABREU, 1996, p.56).

Os anos de 1950 produziram filmes que mostravam a nudez ainda de forma velada, passando mais uma ideia de comportamento naturalista do que de excitação erótica. E foi no final desta década que a indústria começou a ver um cansaço com a repetição do naturalismo nas produções, sendo o momento de partir para algo mais ousado aos olhos do público.

Se fosse possível traçar uma breve linha do tempo sobre as mídias utilizadas para o consumo de pornografia partiríamos dos usos dos correios (fotos, livretos), passando pelos filmes 8mm, 16mm e 35mm, as fitas VHS, os DVDs e, após a popularização da Internet nos anos de 1990, computadores e smartphones (BAKKER; TAALAS, 2007, p. 101).

Foi preciso que importantes veículos de divulgação se readequassem para as novas tecnologias na intenção de não perder seu público ou para integrar públicos novos como, por exemplo, a revista Playboy, que começou a ser vendida em bancas de revistas dos Estados Unidos em 1953 com conteúdos eróticos, lançou o seu primeiro canal por assinatura de televisão em 1982 já com conteúdos pornográficos, e em 1994, o seu próprio site (PLAYBOY, 2019) mesclando os dois conteúdos, mas voltando seu foco no erótico.

A Revista Playboy cumpria ainda a função de determinar um comportamento e uma personalidade masculina através da construção do "modelo de homem playboy". Esse padrão

de comportamento era massivamente incentivado nas páginas da revista que traziam os conteúdos eróticos de mulheres nuas ou seminuas como o conceito de virilidade que o homem deveria assumir (RIBEIRO, 2016, p. 289 – 290).

Embora tenha havido uma migração de produções para a Internet, o acesso à Internet não é universal, tendo ainda milhões de pessoas que não possuem banda larga ou dados móveis para consumir qualquer tipo de conteúdo virtual nos dias de hoje, o que nos leva a crer que no início da disseminação da Internet pelo mundo, o acesso era ainda mais concentrado, sendo possível apenas para aqueles e aquelas que possuíam maior poder aquisitivo e habitavam regiões desenvolvidas tecnologicamente.

Essa deficiência expõe a desigualdade de acesso até hoje, onde o relatório da Comissão de Banda Larga, produzido por empresas em parceria com a Organização das Nações Unidas (ONU), estima de 49% da população mundial ainda não possuía acesso à internet em 2019 (VALENTE, 2019).

No Brasil, a pesquisa do TIC Domicílios do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) de 2020, aponta que 48% dos domicílios das classe D e E não dispõe de acesso à Internet (MARI; ARBEX, 2020), mantendo os residentes em centros urbanos com mais possibilidade de acesso do que os do meio rural. Essa insuficiência em garantir o contato de milhões de pessoas que o ambiente virtual traz como uma de suas implicações a contribuição para a desinformação e a desatualização do que está acontecendo ao redor do mundo. No caso da pornografia, embora o número de acesso seja cada vez maior, de acordo com relatórios de grandes sites do ramo, a realidade é que poderiam ser ainda maiores se houvesse o cumprimento do direito fundamental à conectividade.

Neste cenário, a diversidade de formatos dos conteúdos pornográficos para consumo persiste para aquelas e aqueles que não conseguem o contato pelo meio virtual, como por exemplo, a circulação de revistas, fotos, DVDs de forma ilegal ou outras maneiras mais econômicas de se conseguir os materiais ainda é um caminho para que a pornografia chegue aos lares em todo o mundo.

Além de saber lidar com as novas ferramentas de acesso, a pornografia levanta debates entre grupos contra e a favor do gênero, em uma disputa de narrativas que defendem a sua extinção e a sua ressignificação, respectivamente. A tecnologia traz um novo desafio para os entusiastas da censura e da proibição dos conteúdos, visto que se torna cada vez mais difícil entender e controlar o usuário da internet.

Por não ser uma ação coordenada, mas individualizada, difícil de compreender e controlar como e porque as pessoas consomem pornografia, também não é consenso as concepções sobre a própria denominação da pornografia, sendo sua denominação, modelada pelas ideologias dos grupos que a propõem. Se a definição for procurada no dicionário Michaelis Online (2020) em português, encontraremos termos negativos acerca do gênero

> *Pornografia - por·no·gra·fi·a*
> *sf*
> 1 Qualquer coisa (arte, literatura etc.) que vise explorar o sexo de maneira vulgar e obscena;
> 2 Tratado acerca da prostituição.
> 3 Coleção de pinturas ou gravuras obscenas.
> 4 Caráter obsceno de uma publicação.
> 5 Atentado ou violação ao pudor, ao recato; devassidão, imoralidade, libertinagem.
> *ETIMOLOGIA*
> *der do voc comp do gr pórnos+gr gráphō+ia1, como fr pornographie.*

A associação da pornografia com a prostituição presente na definição acima descrita é semelhante à utilizada pelo movimento antipornografia que nasceu na década de 1980 e ainda perdura, por outro lado, o enquadramento de materiais pornográficos em expressões artísticas como a literatura e a pintura é uma demanda que os grupos pró-pornografia levantam na tentativa de não estigmatizar os conteúdos apenas como negativos para a sociedade.

1.1 Diferentes Olhares e definições da Pornografia

As tentativas de definição de pornografia ao longo da história nos levam à expressão usada pelo juiz da Suprema Corte Americana, Potter Stewart, que declarou em 1954 a seguinte frase: “Eu não sei o que ela é, mas reconheço quando vejo uma.” (ABREU, 1996, p. 32). Essa expressão, comumente encontrada na literatura sobre a história da pornografia, demonstra a forma como esse gênero foi genericamente tratado, com estigmas que merecem ser escrutinados. De início, seu reconhecimento como produto cultural foi banalizado e associado a um comportamento inadequado do seu consumo. Como explica Williams (1999)

> A história da pornografia como forma cultural definitiva ainda não foi escrita. A própria marginalidade da pornografia na cultura nos levou a discutir apenas se a pornografia como o sexo, deveria ser liberada ou reprimida. E o fato de que, como no sexo, simultaneamente tomamos como certa sua definição "óbvia" - supondo, por exemplo, que seja um prazer libertador ou um poder abusivo - apenas confundiu as coisas. (WILLIAMS, 1999, p. 14, tradução nossa).

Nesse sentido, Sontag (1987) exemplifica que a pornografia é vista socialmente como “uma doença a ser diagnosticada e uma ocasião para julgamento. É alguma coisa frente à qual se é contra ou a favor.” (SONTAG, 1987, p. 42).

Para McElroy (1997) a busca pela definição da pornografia está muito mais ligada com a censura do que com a preocupação em atribuir um espaço para o gênero na sociedade. Ela afirma ainda que esse foi o principal motivo pelo qual as feministas antipornografia se mostraram tão interessadas em conceitua-la.

> Quem controlar a definição de pornografia determinará quais palavras e imagens a lei suprimirá. Eles decidirão a estrutura do futuro debate sobre pornografia. As definições influenciam diretamente o modo como as pessoas pensam sobre um problema e a atitude com que o abordam. Não há mistério sobre por que as feministas anti-pornografia gastaram tanto tempo e energia na tentativa de definir seus termos. É uma maneira rápida e eficaz de controlar o debate (MCELROY, 1997, p. 29).

A definição apontada pela feminista radical, Andrea Dworkin, tem como referência a epistemologia concebida na Grécia antiga em que pornografia é "a representação gráfica das prostitutas mais baixas" (MCELROY, 1997, p. 29). Para entender a epistemologia da palavra, Hyde (1973, p. 12 apud ABREU, 1996, p. 15) nos diz que a palavra "vem do grego *pornographos*, que significa literalmente 'escritos sobre prostitutas', referindo-se à descrição dos costumes das prostitutas e seus clientes".

De acordo com Dworkin e MacKinnon, duas importantes vozes dentro do movimento feminista que se insurge contra a pornografia, as mulheres que se posicionam a favor da pornografia e de seu consumo foram criadas em uma sociedade patriarcal que lhes restringe a capacidade de pensamento livre. Ainda para Dworking e MacKinnon, ser uma mulher a favor da existência da pornografia, significa pensar em função de manter a dominação masculina sendo conivente com essa ferramenta de submissão, exploração e violência. (MCELROY, 1997, p. 54).

McElroy, que se coloca como feminista pró-pornografia, define a pornografia como sendo "a representação artística explícita de homens e / ou mulheres como seres sexuais" (MCELROY, 1997, p. 34) e, assim como Sontag (1987), afirma que a pornografia é um gênero artístico pouco explorado e constantemente ignorado em decorrência do processo de censura e demonização.

Sontag (1987) defende a pornografia como um gênero artístico e literário e questiona o tratamento diferenciado pelos escritos pornográficos em nome de uma moral cristã e religiosa que não se aplica a nenhuma outra ficção que não envolva o sexo e a luxúria. Para Sontag, existem alguns argumentos específicos usados por aqueles e aquelas que desejam diferenciar a literatura pornográfica de outras obras literárias. São eles:

> 1. A primeira é a de que a maneira completamente unívoca em que os livros de pornografia se dirigem ao leitor, propondo-se a excitá-lo sexualmente, é antiética à complexa função da literatura. Alega-se que o propósito da pornografia, a indução da excitação sexual, está em conflito com o tranquilo e desapaixonado envolvimento que evoca a genuína arte;
>
> 2. Nas obras de pornografia falta a forma de começo-meio-e-fim característica da literatura;
>
> 3. O texto pornográfico não é capaz de evidenciar nenhum cuidado com seu meio de expressão enquanto tal (a preocupação da literatura), uma vez que o propósito da pornografia é inspirar uma série de fantasias não-verbais em que a linguagem desempenha um papel secundário, meramente instrumental;
>
> 4. O tema da literatura é a relação dos seres humanos uns com os outros, seus complexos sentimentos e emoções; a pornografia, em contraste, desdenha as pessoas plenamente formadas (a psicologia e o retrato social), é desatenta à questão dos motivos e de sua credibilidade, e narra apenas as transações infatigáveis e imotivadas de órgãos despersonalizados (SONTAG, 1987, p. 44-45).

Abreu (1996) apresenta as diferentes definições de pornografia baseado em três grupos que se destacaram no tema após a Revolução Sexual nos Estados Unidos em 1960: os *conservadores*, os *liberais* e os *libertinos*. Do ponto de vista dos *conservadores*, a definição era baseada em noções cristãs tradicionais e afirmavam que pornografia eram as representações que tinham somente a intenção de excitar o consumidor e onde havia uma relação direta entre sexo e violência, sendo considerada a "causa da decadência dos valores morais" (ABREU, 1996, p.33).

Na visão dos *liberais*, a pornografia significava "apenas expressões de fantasias, muitas vezes reprimidas, constituindo-se mais em forma de divertimento, excitação ou mesmo de ultraje do que em ação contundente contra ordem social" (ABREU, 1996, p. 34). Nesse sentido, a pornografia é uma representação natural e inerente ao ser humano. Para os *libertários*, a pornografia seria uma espécie de representação que possui "função social, liberação, sublimação, atendimento ao gosto popular" (ABREU, 1996, p. 35).

A pornografia hoje é também entendida como qualquer material produzido com a finalidade de despertar sexualmente o público (ASHTON; MCDONALD; KIRKMAN, 2017, p. 12), assim como uma forma de expressão em que o indivíduo pode ampliar sua compreensão sexual (POULSEN; BUSBY; GALOVAN, 2013, p. 73) ou como um gênero que contém nudez e representação de comportamentos sexuais, usado para a excitação (CARROLL et al, 2016, p. 5).

Essas diversas definições sobre o que é a pornografia dizem mais respeito à função da pornografia para seus consumidores e o seu papel como produto cultural, o que abre espaço

para outras concepções que não o tradicional estigma de material devasso ou obsceno, eventualmente, uma representação artística como qualquer outro material, produto da representação cultural.

Dentre as definições já expostas, esta pesquisa acolhe como pornográfico qualquer material que satisfaça a necessidade de estímulo sexual da consumidora e enriqueça seus conhecimentos sobre o prazer e a sexualidade.

1.2 O caminho da censura

O processo de disputa entre os grupos pró e contra pornografia trouxe alguns episódios de embates legais sobre a proibição dos produtos, divisão dentro do movimento feminista de acordo com suas defesas ou pensamentos acerca da pornografia. Além disso, destacamos a publicação de relatórios importantes com pesquisas que abrangem desde o aspecto moral do consumo de pornografia até os efeitos na saúde dos consumidores e consumidoras.

Embora o objetivo inicial das feministas antipornografia tenha sido a proibição dos conteúdos pornográficos, alegando que as representações eram as causadoras diretas da violência contra a mulher, sendo assim, uma tentativa de defesa da integridade física das mulheres, o que aconteceu após a união dessas vozes do movimento feminista com outros setores que também buscavam o fim da pornografia (moralistas, conservadores, religiosos), foi uma ampliação do objetivo inicial de uma perseguição à liberdade sexual e dos direitos da mulher na sociedade, criminalizando atividades e enquadrando qualquer atitude diferente a da noção de mulher como mãe recatada e esposa submissa como subversão passível de punição pelo Estado.

Williams (1999) atribui a passagem da primeira parte da legislação antiobscenidade na Inglaterra em 1857 como a primeira lei antipornografia que se tem notícia (WILLIAMS, 1999, p. 12). O objetivo da proibição era proteger as jovens mulheres dos efeitos causados pelos livros de romance, sendo que a autora destaca o fato de que nenhuma lei foi pensada da mesma forma para censurar ou proibir os conteúdos pornográficos que os homens ingleses consumiam na época.

Ainda na década de 1800, destacou-se em Nova York uma figura moralista que contribuiu para a censura da pornografia através dos correios americanos. A ascensão de Anthony Comstock influenciou o Congresso americano na tomada de decisão pela sua

primeira lei de proibição de obscenidades nos correios (MCELROY, 1997, p. 39). A Associação Cristã de Jovens Homens (YMCA) de Nova York elegeu Comstock para fiscalizar as encomendas com a intenção de não deixar nada que fosse obsceno passar pelo controle. Comstock passou a censurar não apenas pornografia, mas também, materiais que traziam informações sobre controle de natalidade ou doenças sexualmente transmissíveis (MCELROY, 1997, p. 39).

Em 1872, foi criado o Comitê de Supressão e após muitas discussões em Washington D.C., em 1873 foi estabelecida a Lei Comstock, dando poder ao seu idealizador de fiscalizar todos os conteúdos obscenos do país (MCELROY, 1997). Com a mudança no código criminal dos Estados unidos, estava proibido o transporte de itens como:

> [Qualquer] livro obsceno, panfleto, papel, escrita, propaganda, circular, impressão, gravura, desenho ou outra representação, figura ou imagem em ou de papel ou outro material, ou qualquer elenco, instrumento ou outro artigo de natureza imoral, ou qualquer droga ou medicamento, ou qualquer artigo que seja, para a prevenção da concepção, ou para o aborto ilegal ou anunciar o mesmo para venda. (MCELROY, 1997, p. 39).

O religioso conservador Comstock, que agora havia sido nomeado agente especial dos correios, não só destruía todo o material que considerava imoral, mas também usou dos poderes que teve acesso com a criação da Lei e a adesão de todos os estados (exceto o Novo México) para as diretrizes da, agora, Sociedade da Supressão, planejando atrair médicos que concordavam com a prática do aborto na intenção de prendê-los (MCELROY, 1997, p. 40).

> Comstock perseguiu zelosamente os defensores do controle de natalidade. Usando assinaturas falsas, ele escreveu cartas de chamariz que pediam informações. Essas cartas apelavam à simpatia dos médicos e reformadores para prendê-los. A certa altura, ele prendeu uma médica por vender uma seringa para ser usada no controle de natalidade - uma seringa legalmente disponível em qualquer farmácia." (MCELROY, 1997, p. 40).

De acordo com McElroy (1997), foram 55 prisões no período de janeiro de 1874, sendo decretadas 20 condenações. Além disso, houve milhares de apreensões de materiais como livros, fotos, cartões e outros objetos que o censor considerou obsceno ou pornográfico.

Historicamente, a Lei Comstock teve um impacto relevante nos materiais eróticos ou pornográficos que circularam pelos Estados Unidos nó século XIX, o que não significa que a proibição levou ao fim da circulação dos conteúdos. Pequenos grupos resistiram à Lei e produziram, principalmente, materiais sobre contracepção e doenças sexualmente transmissíveis, por entenderem que a restrição seria uma forma de desinformação de todo o país.

Já no século XX, em 1979, foi publicado na Inglaterra o *Report of the Comitee on Obscenity and Film Censorship*, mais conhecido como The William's Report. O relatório foi presidido pelo filósofo moralista inglês Bernard Williams, com a proposta de ser um documento que analisaria o grau de obscenidade em produções audiovisuais que circulavam na Grã-Bretanha e no País de Gales, diferente da perseguição conduzida por Comstock, o relatório adotou um tom mais interessado na compreensão dos efeitos dos produtos na sociedade.

A proposta do relatório, que hoje é utilizado como documento histórico e não mais como diretriz de controle da pornografia, foi a de revisar as leis de obscenidade que circulavam tanto na Inglaterra quanto no País de Gales e, a partir disso, os membros da comissão impulsionaram pedidos a organizações e sociedade civil, através de anúncios em jornais, para que escrevessem para a comissão relatando suas opiniões sobre a exibição pública de conteúdos obscenos em filmes, fotos ou outra representação gráfica, excluindo a literatura não por sua pouca efetividade em causar efeitos, mas por ser uma modalidade menos agressiva, de acordo com o relatório.

Outro ponto consideravelmente essencial para diferenciar o relatório da Lei Comstock foi a preocupação em compreender a opinião das pessoas expostas aos conteúdos, sobretudo uma preocupação com a opinião de mulheres em relação aos efeitos dos materiais obscenos.

> 1.2 Realizamos nossa primeira reunião em 2 de setembro de 1977 e nos reunimos 35 vezes. Imediatamente após a nossa primeira reunião, emitimos um convite geral para que os membros do público escrevessem para nos contar suas opiniões. Enviamos cartas para mais de cem organizações que pensávamos ter um interesse especial no assunto e colocamos um anúncio em todos os jornais diários nacionais, buscando a opinião de seus leitores. Mais tarde, reconhecemos uma lacuna nas evidências que recebemos: houve uma resposta muito pequena ao nosso convite do movimento de mulheres, apesar das fortes opiniões defendidas sobre pornografia por muitas pessoas ativas no movimento. Demos mais passos e foi divulgado em Spare Rib e na Page of The Guardian das mulheres que queríamos ouvir das mulheres. Como resultado de todas essas medidas, recebemos submissões por escrito de cerca de 150 organizações e grupos e de cerca de 1400 indivíduos. Somos muito gratos a todos aqueles que levaram tempo e dificuldade para nos ajudar dessa maneira (THE WILLIAM'S REPORT, 2015, p. 3, tradução nossa).

O objetivo do relatório não era o de proibir ou enquadrar qualquer representação sobre sexo como ilegal, mas esforçava-se para compreender o consumo dos materiais a partir de seus efeitos causados no público, na tentativa de elaborar uma boa estratégia para proteger as crianças da exposição às cenas consideradas obscenas.

A intenção apontada por Bernard Williams no prefácio escrito por ele em 1981 não era a proibição da existência dos materiais pornográficos, mas a fiscalização de suas exibições públicas, sempre pensando na preservação de valores como a liberdade de expressão e de decisão dos adultos em consumir ou não os conteúdos de forma privada.

Em 1983, na cidade de Minneapolis, nos Estados Unidos, o discurso de Andrea Dworkin e Elizabeth MacKinnon afirmando que a pornografia estava diretamente ligada à violência foi a base da proposta de portaria antipornografia que trazia os seguintes pontos:

> 1) Pornografia é a subordinação sexualmente explícita de mulheres, representadas graficamente, seja em figuras ou em palavras, que também inclui um ou mais dos seguintes itens:
>
> (I) as mulheres são apresentadas como objetos sexuais desumanizados, coisas ou mercadorias; ou
>
> (II) as mulheres são apresentadas como objetos sexuais que desfrutam de dor ou humilhação; ou
>
> (III) as mulheres são apresentadas como objetos sexuais que experimentam prazer sexual ao serem estupradas; ou
>
> (IV) as mulheres são apresentadas como objetos sexuais amarrados ou cortados ou mutilados ou machucados ou machucar fisicamente; ou
>
> (V) as mulheres são apresentadas em posturas de submissão sexual; [ou servidão sexual, inclusive ao convidar a penetração] ou
>
> (VI) as partes do corpo das mulheres - incluindo, entre outras, vaginas, seios e nádegas - são exibidas, de modo que as mulheres são reduzidas a essas partes; ou
>
> (VII) as mulheres são apresentadas como prostitutas por natureza; ou
>
> (VIII) mulheres são apresentadas sendo penetradas por objetos ou animais; ou
>
> (IX) as mulheres são apresentadas em cenários de degradação, lesão, humilhação, tortura, mostrados como imundos ou inferiores, sangrando, machucados ou feridos em um contexto que torna essas condições sexuais. (MCELROY, 1997, p. 31).

Ainda influenciado pelos discursos de Dworkin e MacKinnon, em 1984 o Conselho da cidade de Los Angeles discutiu pela primeira vez a aprovação de uma lei antipornografia. Em 1986, nos Estados Unidos, foi publicado o Relatório da Comissão de Pornografia do Procurador-Geral Meese.

O relatório havia sido proposto durante o governo de Richard Nixon, em 1970, mas foi rejeitado após gerar polêmica no Congresso entre liberais e conservadores (EDWARDS, 2009). Durante o governo de Ronald Reagan, o relatório foi retomado e, finalmente, apoiado e financiado pela presidência dos Estados Unidos (WILLIAMS, 1999, p. 16).

A comissão solicitada por Reagan contava com 12 membros, sendo o Procurador Geral Edwin Meese o presidente da comissão. Embora o relatório também tenha sido alvo de polêmicas entre conservadores, liberais e grupos anticensura, o relatório final foi aprovado, impresso e disponibilizado para todo Estados Unidos em julho de 1986 (EDWARDS, 2009). Dentre as polêmicas apresentadas estavam a omissão de dados que não fossem favoráveis ao objetivo final do relatório; pesquisas apresentadas como verdadeiras, mas que não poderiam ter sido concluídas em tempo hábil de estarem no relatório como argumento; silenciamento de entrevistados que contestaram as afirmações sobre os efeitos da pornografia em crianças durante as entrevistas e a utilização de conceitos do feminismo radical para sustentar argumentos (EDWARDS, 2009).

Essa relação entre os membros da comissão e o feminismo radical se dá, inclusive com o uso de fala de feministas como Robin Morgan e sua famosa frase: “Pornografia é teoria, o estupro é a prática” (WILLIAMS, 1999, p. 16). Ou até com a rememoração do exemplo dado por Andrea Dworkin em 1980, quando ela atribui ao estupro de uma menina asiática na Carolina do Norte a uma capa da revista *Penthouse*, tendo como evidência o fato de a menina ter sido amarrada em uma árvore após a violência e a capa da revista trazer a representação do *Shibari*, que é uma técnica de amarração japonesa usada como fetiche sexual (WILLIAMS, 1999, p. 21).

Sobre a aproximação de feministas radicais com a comissão do Relatório Meese, Williams (1999) afirma que

> Parece provável que as feministas radicais e a comissão fizeram uma barganha implícita para facilitar um ataque combinado à pornografia como poder abusivo. Enquanto os comissários aceitavam os elementos da crítica feminista radical ao prazer fálico como afirmações violentas e repreensíveis do poder masculino, em troca, reprimiam sua desaprovação das pornografias ortodoxas heterossexuais da homossexualidade ou lésbica (ou práticas sexuais), mesmo que obviamente desafiem as normas acima mencionadas de "relação vaginal" e "procriação como objetivo da união sexual". A retórica da violência não pode ser mobilizada contra esses modos, pois eles não apresentam as mulheres como vítimas do poder fálico (WILLIAMS, 1999, p. 19).

O que diferencia as ações americanas contra a pornografia da tomada na Inglaterra é que nos Estados Unidos havia a tentativa de impor uma visão a sociedade civil sobre o que é obsceno ou sexualmente inapropriado. Enquanto o The William’s Report resguardava o direito de uma pessoa adulta decidir o que consumiria, sendo pornografia ou não, dentro de suas casas. O relatório faz isso deixando expressamente justificado o motivo de não definir o que é pornografia, obscenidade ou erotismo porque isso depende muito mais da visão do

consumidor do que dos membros da comissão. Não há consenso sobre a definição do que pode ser considerado pornográfico ou não, tal definição dependeria de uma interpretação individual.

Em contrapartida, os mecanismos de repressão e censura americanos contaram com a ajuda contundente do movimento feminista radical que se posicionava contra a pornografia e a favor da proibição, negando, inclusive, a ideia de liberdade de escolha quando afirmam que as mulheres que decidem ser a favor da pornografia não sabem o que estão fazendo. A proposta de censura dos conservadores e das feministas radicais se uniu em um propósito, ambos tiveram que ceder, mas é perceptível uma derrota para o feminismo como um todo no sentido de que o que ficou foi o reforço a uma sexualidade tradicional e com papéis definidos entre homens e mulheres.

1.3 Contexto da pornografia no Brasil

Durante todo o processo de leis ou iniciativas para a censura da pornografia na Europa e Estados Unidos, o Brasil também se apresentou como um dos países que lutaram para censurar materiais sexualmente explícitos. Em paralelo com a ascensão de narrativas pornográficas e eróticas que ganharam o público nacional, as adequações necessárias para passar sob a vista de censores e regulamentos que prezavam pelos bons costumes dos brasileiros eram por vezes acatadas, mas em outras ocasiões eram negociadas para manter o caráter transgressor dos produtos.

Nuno Cesar Abreu (1996) tornou-se referência da discussão pornográfica e da descrição do desenvolvimento dos modelos cinematográficos com o seu livro *O Olhar Pornô: A representação do obsceno no cinema e no vídeo*. Seguindo a referência e reconhecendo a importância da contribuição do autor, situaremos o cenário nacional na discussão sobre o consumo dos materiais pornográficos desde a década de 1920 até a década de 1990.

Assim como no cenário internacional, a exibição de *stags* ocorria de forma clandestina, visto que o *softcore* se mostrava como o segmento aceito socialmente. Porém, o autor não menciona a produção de *stags* nacionais. Mas, já nota-se entre as décadas de 1920 e 1930 um caminho de censura em películas que envolviam nudez ou insinuações eróticas, que sempre colocaram a mulher como o objeto do erótico.

> Cabe anotar que diversas iniciativas de escolas de cinema ocorridas na década de 20 foram quase sempre sem sucesso, somente obtendo alguma notoriedade nas páginas

> policiais da imprensa, devido a constates denúncias de que estariam desencaminhando moças. (ABREU, 1996, p. 70).

Desvencilhando-se um pouco do olhar controlador e seletivo da censura no país, a evolução de cenas que apelavam para o educativo e o artístico para representar o erótico, ocorreu com mais força na década de 1930, onde as narrativas, ainda trazendo as mulheres como a principal fonte da incitação da excitação do público, passaram a ser mais sensuais e parecidas com o modelo norte-americano de conteúdos pornográficos, que poderíamos identificar como as "mulheres fatais", sedutoras e que levavam os homens a cometer os atos indecentes.

Com o sucesso das *chanchadas* produzidas no eixo Rio – São Paulo das décadas de 1940 e 1950, iniciou-se uma aproximação das paródias produzidas pelo segmento com a ousadia erótica e a sugestão de nudez através de cortes e recursos cinematográficos que não mostravam o explícito, mas o sugestivo. Esse desenvolvimento ainda cuidadoso continuou se desenrolando e cada vez mais ficando marcado na história cinematográfica do país, ainda tendo a mulher como a atração em frente às câmeras, mas coibindo o consumo dos produtos atrás delas.

> Provavelmente, seguindo um modelo internacional de exibição, o público frequentava "sessões especiais" em salas de cinema convencionais. Quase sempre "exclusivamente para cavalheiros", essas projeções foram uma prática comum entre meados dos anos 60. (ABREU, 1996, p. 72)

Na década de 1960, o apelo erótico foi disseminado em outras produções nacionais

> Com o Cinema Novo, a produção nacional retoma o erotismo e começa a despir as mulheres. Em 1962, Norma Benguel protagonizou o escândalo da primeira nudez frontal no cinema brasileiro correndo nua por uma praia, em famosa sequência de *Os Cafagestes*, de Ruy Guerra. O filme reconhecidamente influenciado pela *Nouvelle Vague*, gerou polêmicas candentes acerca da moralidade pública, em que intervieram a Igreja, associações de mulheres pela decência e bons costumes, e vozes libertárias que defendiam seu teor artístico, condenando a estupidez da censura. (ABREU, 1996, p. 73).

Foi apenas na década de 1970 que as *chanchadas* se uniram inteiramente ao erótico surgindo as *pornochanchadas*. As produções de baixo orçamento ganharam as salas de cinema e trouxeram importantes nomes do cinema brasileiro para a nova categoria, tendo o cinema italiano e as já consagradas *chanchadas* como referência.

> Servindo-se de um erotismo implícito, sugerido, combinando títulos de duplo sentido, situações e peripécias amorosas, piadas maliciosas e gags imaginosas, a pornochanchada condensa um imaginário que chega ao público "popular" de maneira precisa. Para muitos de seus críticos eram grosseiras, vulgares e apelativas, fruto de um momento de forte repressão do poder à produção cultural (ABREU, 1996, p. 76).

Abreu (1996), conta ainda que as *pornochanchadas* supriam a necessidade do imaginário sexual do brasileiro. Em um contexto de repressão ditatorial, a representação do sexo fazia parte do alívio para muitos consumidores, que ainda eram em sua maioria homens. Com o sucesso das *pornochanchadas,* a produção realizada pela chamada Boca do Lixo[2], "foi responsável por cerca de 60 dos 90 filmes brasileiros produzidos anualmente, em média, na década de 70" (ABREU, 1996, p. 78).

De acordo com Díaz-Benítez (2010),

> Para diversos estudiosos, as pornochanchadas nasceram com a ditadura militar, e por causa dela. Esse estilo é identificado por muitos como uma filmografia medíocre que não trazia nenhum tipo de crítica política e mantinha o povo "distraído, sem pensar na situação social em que vivia o país" (...) O enfraquecimento do Cinema da Boca coincidiu com a queda do regime, quando houve abertura para importação e a consequente exibição de produções estrangeiras (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p. 15).

Parte do sucesso da exibição das produções da Boca do Lixo se deve ao fato do investimento primordial ter sido do capital privado. Isso foi considerada como uma forma de driblar a censura dos conteúdos que apresentavam características de insinuação e indiretas sobre os temas sexuais mais explícitos, mas que eram vistoriados pelo Estado em um zelo exagerado pelo conceito dos "bons costumes" do cidadão brasileiro.

> Os anos 70, embora produtivos para o cinema brasileiro, que alcançou então significativa participação no mercado exibidor, foram pródigos na presença da censura. A tesoura do Estado foi uma grande co-produtora do cinema nacional (e das expressões artísticas em geral). Sob pressão da censura e da repressão (política), a produção autoral mais elaborada, artisticamente empenhada, descendente do Cinema Novo e com compromissos ideológicos definidos se vê obrigada a usar frestas permitidas pela metáfora, a linguagem indireta, o discurso encoberto para dizer o que não era permitido (pelo governo) dizer. (ABREU, 1996, p. 79).

No início dos anos de 1980, a *pornochanchada* perde força por seu formato moldado pelas frestas dos governos ditatoriais (embora seja reconhecida pela história como uma narrativa transgressora da época) e pela repetição de um limite erótico que já passava a cansar o público antes tão fiel às produções. No entanto, com a possibilidade de abertura democrática no Brasil e com o imaginário pornográfico mais aguçado pelas produções internacionais, as realizações que antes reforçavam o erótico passaram a demandar cada vez mais sexo e exposição nas cenas.

[2] Compreende-se como Boca do Lixo como as produções feitas em uma área geográfica específica no bairro da Luz em São Paulo "onde se localizavam escritórios de produtores, distribuidores e exibidores (...) considerado a 'Hollywood brasileira'" (ABREU, 1996, p. 77).

Quem antes se contentava apenas com o *softcore*, passara a procurar filmes cada vez mais *hardcore*. "O filme que inaugura essa fase, o primeiro pornô nacional concebido conforme as regras do gênero, é *Coisas Eróticas* de Rafaelle Rossi, em 1981" (ABREU, 1996, p. 84). A partir da disputa entre o *softcore* e o *hardcore*, a tentativa de apelo se torna cada vez mais elevada nas produções pornográficas, chegando a cenários bizarros como a zoofilia.

> Apesar de apelar para animais, anões, travestis, tipos homossexuais e temas bizarros o pornô nacional foi broxando no bojo da impotência geral do cinema brasileiro, entre 1989 e 1994. Os filmes de sexo explícito foram os últimos produtos da Boca do Lixo, que se não está morta, não existirá mais como foi conhecida. (ABREU, 1996, p. 87).

Mesmo com a resistência e a criatividade de produções do cinema nacional pornográfico, o domínio das produções, distribuições e exibições continuou na mão dos europeus e norte-americanos, tendo produções escandinavas (em especial as suecas) ganhando cada vez mais espaço na cena. A deficiência financeira da época, agravado pela crise econômica gerada pelos governos ditatoriais, não possibilitou um avanço ou continuidade das produções genuinamente brasileiras, tendo que se adequar e seguir o modelo pornográfico internacional. Mesmo com todas as dificuldades, as realizações das produtoras nacionais ainda são reconhecidas como fundamentais para a história da pornografia no Brasil.

Com o fim das produções de filmes da pornochanchada e a reabertura democrática que trouxe de volta a distribuição massiva dos filmes estrangeiros, entre as décadas de 1980 e 1990, houve uma queda da produção dos filmes pornôs nacionais. As produções precisaram se reinventar para voltar a crescer. "No Brasil, uma das primeiras e mais significativas tentativas de retomar os rumos da indústria, já nos primeiros anos da década de 1990, foi realizada pela empresa carioca As Panteras" (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p. 16).

A chamada retomada trouxe fôlego para que outras produtoras, como a Brasileirinhas, fossem fundadas e atraiu os olhares de produtores estrangeiros que traziam suas ideias e vinculavam ao cenário do Brasil e suas atrizes e atores.

> O pornô no Brasil alcançou um de seus grandes momentos entre 1998 e 2002, em decorrência da reconfiguração do mercado erótico a partir da segunda metade dos anos 90. Nessa época surgiram diversos locais de sociabilidade e encontro de pessoas que exercem práticas sexuais dissidentes (como sadomasoquismo), os sex shops, os clubes de sexo e os dark rooms (...). Todos esses lugares comerciais voltados para o sexo, que já eram um fenômeno transnacional, foram impulsionados no Brasil pela influência de novas mídias, como a televisão a cabo e a internet, esta enquanto espaço de interatividade e intercâmbio (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p. 17).

A indústria pornográfica, de um modo geral, sofre com altos e baixos com o passar dos anos, sempre tendo que se adequar não só às novas mídias, como também aos públicos crescentes do segmento, sempre procurando por categorias que passam a ganhar mais atenção por quem produz os conteúdos. Além disso, o debate moral e social sobre as produções ainda está em pauta por todos os lados, sejam eles conservadores ou progressistas.

2 A PORNOGRAFIA E OS FEMINISMOS

Localizaremos as discussões feministas acerca da pornografia a partir da década de 1980, período após a Revolução Sexual em 1960, a chamada segunda onda do feminismo também na década de 1960 e da considerada década de ouro da pornografia em 1970. As discussões propostas pelas correntes feministas são aqui retomadas porque fomentaram debates importantes contra e a favor do consumo da pornografia, e problematizaram tanto as deficiências da pornografia enquanto produto cultural com relevantes consequências culturais, quanto as vantagens de uma pornografia não violenta, mais respeitosa e focada no prazer feminino no sexo.

Antes de tudo, precisamos compreender que o feminismo é um conceito plural, presente dentro do próprio movimento em que correntes divergem tanto da concepção quanto da forma de ação na sociedade. De acordo com Alves e Pitanguy (1981), o feminismo atua na transformação do individual para o coletivo, fazendo com que as experiências de uma mulher sejam reconhecidas por um grupo de mulheres que experimentam o mesmo sistema patriarcal e capitalista.

> O feminismo se constrói, portanto, a partir das resistências, derrotas e conquistas que compõem a História da Mulher e se coloca como um movimento vivo, cujas lutas e estratégias estão em permanente processo de re-criação. Na busca da superação das relações hierárquicas entre homens e mulheres, alinha-se a todos os movimentos que lutam contra a discriminação em suas diferentes formas. (ALVES; PITANGUY, 1981, p. 74).

Muitas foram as pautas do movimento feminista e de mulheres antes de se concentrar na pornografia, tendo reivindicações como o direito ao trabalho, à saúde, à instrução acadêmica e à participação na política, assim como reflexões como a inferiorização a partir do sexo, a desigualdade salarial, a obrigatoriedade reprodutiva e a negação de reconhecimento como cidadã.

Discutir a sexualidade e o corpo da mulher é uma constante em períodos históricos, onde a menstruação já foi demonizada no período da inquisição e o uso do sexo remunerado como forma de sobrevivência foi protagonistas de debates sociais e políticos. Assim como a pornografia, a prostituição é discutida no viés de opressão da mulher, tendo os textos de Friedrich Engels em seu livro “A origem da família, da Propriedade e do Estado”, publicado em 1884, como protagonista das correntes feministas marxistas.

> No século XIX, caracterizado pelos movimentos reivindicatórios e revolucionários, estruturam-se as bases da teoria socialista. A partir da análise das relações de produção do sistema capitalista, entende-se a condição da mulher como parte das

> relações de exploração da sociedade de classes. (...) Engels baseia-se em estudos de relações familiares em sociedades primitivas efetuados por antropólogos como Lewis Morgan. Contrapondo estas sociedades, em que a propriedade é comunal, que não existe aparelho de Estado e que seriam regidas por laços de parentescos matrilineares, às sociedades capitalistas, conclui que a base da inferiorização da mulher encontra-se no surgimento da propriedade privada. Desta forma, o casamento e a sujeição da mulher surgiriam como garantia para a transmissão da propriedade privada. (ALVES; PITANGUY, 1981, p. 40-41).

Ainda refletindo sobre as ideias de Engels, que colocam o capitalismo e seus mecanismos de perpetuação nas sociedades como principal responsável pela inferiorização da mulher, Saffioti (1976), apresenta o debate no uso do corpo como mercadoria dentro do sistema capitalista.

> A interpretação de Engels, todavia, além de economicista, tende a cair num mecanicismo inconcebível. Com efeito, pergunta-se ele: "A monogamia, tendo nascido de causas econômicas, desaparecerá se estas causas desaparecerem?" Conclui ele que, com a coletivização dos meios de produção, a prostituição desaparecerá e a monogamia se tornará realidade quer para homens, quer para mulheres, tendo por base o amor sexual individual calcado na reciprocidade. Embora a prostituição mantenha vinculações estreitas com a condição econômica da mulher nas economias de inciativa privada, ela acaba por estabelecer hábitos cuja persistência pode independer da estrutura econômica da sociedade. Além do mais, a discriminação social de que é objeto a prostituta não dificulta sua integração social apenas nas economias assentadas na propriedade privada, mas fá-lo também nas sociedades de economia socializada. (SAFFIOTI, 1976, p. 43-44).

Embora as correntes de pensamentos se mostrem mais abertas à liberdade e a coletivização de diretos, quando é focado o corpo da mulher, os pensamentos se dividem e acabam esbarrando em conceitos morais que são também criticados em outros aspectos por esses mesmos grupos. Tanto o capitalismo como a pornografia já foram apontados em diferentes momentos históricos como a origem da opressão contra a mulher, seja nos seus direitos ou nos seus corpos.

A efervescência do debate sobre pornografia dentro do movimento feminista se deu durante a chamada segunda onda do feminismo, que teve seu marco na discussão sobre liberdade sexual da década de 1960 "com o mote 'o pessoal é político'(...) buscando questionar o critério de delimitação de suas fronteiras e criticar a determinação prévia de papéis exercidos por homens e mulheres em cada uma delas." (FERNANDES, 2017, p.14).

De forma mais aprofundada, Fraser (2009) faz uma caracterização de como a segunda onda do feminismo incidiu no sistema capitalista que já vinha sendo questionado por ser um modelo econômico que se utiliza da opressão contra a mulher para sua sobrevivência.

> O que foi verdadeiramente novo sobre a segunda onda foi o modo pelo qual ela entrelaçou, em uma crítica ao capitalismo androcêntrico organizado pelo Estado, três

> dimensões analiticamente distintas de injustiça de gênero: econômica, cultural e política. Sujeitando o capitalismo organizado pelo Estado a um exame multifacetado e abrangente no qual essas três perspectivas se misturaram livremente, as feministas geraram uma crítica que foi simultaneamente ramificada e sistemática. (FRASER, 2009, p.14).

Os questionamentos durante a segunda onda do feminismo não se limitaram ao papel da mulher na sociedade, mas também na divergência com modelos econômicos de sociedade, desigualdades em espaços tradicionais como a família, questões de gênero e raça. Trazendo também uma ideia de interseccionalismo nas pautas adotas pelas feministas da época (FRASER, 2009, p.18). Embora o coletivo estivesse reivindicando conjuntamente diferentes lutas, haviam divergências dentro do movimento feminista, que se dividia por correntes de pensamentos e que se divide dessa maneira até hoje.

Quando trazemos as discussões feministas sobre a pornografia, esbarramos em uma divisão de pensamentos que implica na ruptura com um mecanismo de violência contra a mulher, tendo a pornografia como sua origem e também as reflexões sobre a liberdade da mulher em consumir os produtos para o seu prazer. Segundo Baltar e Barreto (2014)

> Na visão mais tradicional do debate feminista em torno da pornografia, os homens a consomem e as mulheres são sempre seus objetos. No entanto, tal visão um tanto monolítica que separa as posições de sujeito e objeto do desejo, reiterando de certa forma a visão heteronormativa que coloca o masculino como ativo e o feminino como passivo, vem crescentemente sendo contestada desde meados dos anos 1980 (BALTAR; BARRETO, 2014, p. 275).

Nesse capítulo, falaremos sobre as correntes feministas que se apresentam posicionadas contra e a favor da pornografia. De certa forma, ambas as discussões trouxeram o impulso de novas ideias e construções do gênero pornográfico, como a defesa de seu extermínio total, em que a violência contra a mulher é tida como ponto principal do argumento de supressão do material, ou mesmo sua ressignificação, que possibilitou o surgimento de produtoras dedicadas às produções pornográficas especialmente dedicadas às mulheres.

2.1 Feminismo Radical

Segundo McElroy (1997), podemos ver uma separação na forma de ação dentro do movimento feminista na década de 1960, com a visibilidade e organização de feministas radicais.

> Em 1966, a Organização Nacional para as Mulheres (NOW) foi fundada. No ano seguinte, o primeiro grupo feminista radical, o Radical Women de Nova York, foi estabelecido. Embora as radicais estivessem em minoria, o volume de suas vozes e o brilho de suas táticas chamaram a atenção da mídia. O concurso de Miss América

> em Atlantic City foi sabotado; feiras de noivas em São Francisco e Nova York foram interrompidas; houve uma manifestação em massa no jornal Ladies Home para protestar contra a imagem convencional de mulheres projetada por aquela revista. Politicamente, algumas mulheres começaram a clamar por uma revolução cultural. (MCELROY, 1997, p.49).

Com essa nova corrente, um novo olhar sobre a pornografia também foi incorporado ao debate de liberdade sexual que vinha sendo estabelecido desde então. Embora a abertura sexual tenha beneficiado todo o movimento feminista com informações disponíveis sobre sexo à população, abertura para defesa do aborto legal nos Estados Unidos levando milhares de mulheres às ruas em protesto, discussão sobre o prazer das mulheres e a livre sexualidade foram pontos explorados por esse novo contexto que os anos 1960 e 1970 experimentavam (MCELROY, 1997, p. 50-51). Porém, essa convergência de pensamentos e direcionamento de luta não durou muito

> Uma reação estranha já estava em andamento. O livro central de Simone de Beauvoir, The Second Sex (1953, reeditado em 1961), alegou que o lesbianismo era a personificação da liberdade sexual. Feministas radicais tendiam a concordar. Elas acreditavam que nada menos que uma revolução sexual total poderia libertar mulheres. Em 1970, a organização Radicalesbians foi fundada; três anos depois, a primeira conferência nacional de lésbicas feministas ocorreu em Los Angeles, em meio a flashes da mídia. Feministas mais moderadas, que queriam reformar o sistema obtendo acesso ao aborto, por exemplo, ficaram alarmadas. Foi aberta uma cisma entre feministas heterossexuais moderadas e suas irmãs lésbicas mais radicais. Betty Friedan horrorizou que seu trabalho estivesse sendo usado por radicais para atacar o casamento e a família alertou contra a "ameaça de lavanda" (lesbianismo). Entre 1969 e 1971, NOW, a maior organização feminista e uma voz para reforma, não a revolução praticamente expurgou seus membros gays e lésbicas. Como feministas radicais continuaram a criar suas próprias organizações, como as Redstockings, o lesbianismo começou a se assemelhar a uma escolha política, e não sexual (MCELROY, 1997, p. 51)[3].

O ponto de ruptura e a ascensão do feminismo radical acontece com a desmobilização que se instaurou na Organização Nacional para Mulheres (NOW) após o adiamento da votação da Emenda Federal de Igualdade de Direitos (ERA) como proposta de Lei nacional nos Estados Unidos, em 1984. Após essa movimentação que foi considerada uma derrota do feminismo que havia crescido no país, as mulheres desiludidas com o movimento político voltaram para suas carreiras e suas casas, abrindo espaço para que as feministas radicais apresentarem com maior eloquência suas teorias de opressão de gênero (MCELROY, 1997, p. 52).

[3] O termo “lesbianismo” foi transcrito conforme a obra original de Wendy McElroy “XXX: A Woman's Right to Pornography” de 1997.

As feministas radicais se apresentavam como a solução para o declínio do feminismo nos Estados Unidos e direcionaram suas teorias para a pornografia que passou a ser vista como “o símbolo do ódio supostamente insaciável do homem às mulheres” (MCELROY, 1997, p. 53). Todo esse movimento era contemporâneo às políticas de censura e conservadorismo que Ronald Reagan impunha em seu mandato presidencial, sendo o período em que fora retomada discussão sobre a pornografia que resultou na publicação do Relatório da Comissão de Pornografia do Procurador-Geral (Meese Report) em 1986, trazendo argumentos de feministas radicais para endossar a política antipornografia.

A discussão sobre o sexo como opressão é o argumento mais forte e mais frequentemente utilizado pela corrente radical, como aponta McElroy (1997):

> Um princípio básico da teoria da opressão de gênero do feminismo radical é a ideia de que o sexo é uma construção social. As feministas radicais rejeitam o que chamam de "essencialismo sexual" - a noção de que o sexo é uma força natural. Eles rejeitam a ideia de que o sexo é baseado na biologia ou que as mulheres têm certas tendências naturais. Mesmo as preferências sexuais profundamente sentidas, como a heterossexualidade, não são questões de biologia. Eles nascem da ideologia. Argumentar o contrário, eles insistem, é ficar do lado dos feministas conservadores. É aceitar que a biologia torna as mulheres mais fracas que os homens e as classifica como domésticas. Quem afirma que a sexualidade das mulheres vem da biologia está culpando as vítimas por sua própria opressão. (MCELROY, 1997, p. 53).

É importante destacar que dentro da corrente feminista radical também havia divergências de pensamentos, principalmente entre feministas radicais lésbicas e heterossexuais. Essa observação diz respeito à aceitação das políticas conservadoras da *New Right* nos Estados Unidos, que foi um movimento que censurava a legalização do aborto, direitos dos homossexuais e incentivava as mulheres a voltarem para os lares na década de 1970.

> Ironicamente o movimento da New Right teve uma boa recepção por uma parcela do movimento feminista lésbico. Tais grupos, que defendiam o lesbianismo como uma opção política, acreditavam que toda relação heterossexual era uma relação de subordinação, em que a mulher sempre seria dominada por seu parceiro masculino. Apesar de muitas destas teóricas e ativistas serem ligadas aos movimentos denominados de feminismo radical (com bases marxistas e, por princípio, contrários aos ideais republicanos), houve uma estranha convergência de interesses entre os grupos. O feminismo radical postula que a origem da subordinação e opressão feminina está no patriarcado, ou seja, no poder da supremacia masculina, justificado pelas diferenciações sexuais inatas a cada sexo. E se, para algumas estudiosas, a pedra fundamental para manutenção do patriarcado era a capacidade reprodutiva das fêmeas, para outro segmento a resposta encontrava-se na própria sexualidade, no simples fato de ser mulher (SANTANA; RUBIM, 2012, p. 640).

O feminismo radical nos apresenta alguns argumentos sobre a sociedade, os gêneros e a sexualidade, dentre eles o princípio de que o sexo é uma construção social, rejeitando a ideia

biológica de que homens e mulheres têm tendências sexuais naturais (MCELROY, 1997, p.53); a rejeição do casamento, da heterossexualidade e do modelo de família (MCELROY, 1997, p.54); “comercialização dos corpos das mulheres em imagens pornográficas é a afirmação da cultura de dominação sexual” (MORGAN, 1989 apud SANTANA; RUBIM, 2012, p. 641). Para as feministas antipornografia, nenhuma mulher que esteja consciente socialmente escolhe trabalhar para a indústria pornográfica ou consumir os conteúdos devido a sua criação em uma sociedade estruturada pelo patriarcado que lhes impede de perceber que estão participando de um mecanismo criado apenas para oprimi-las.

> As feministas radicais repudiam suas contrapartes liberais e as acusam de trabalhar pelos interesses do patriarcado. Na antologia Sexual Liberals and the Attack on Feminism (1990), a editora Dorchen Leidholdt afirma que as feministas que acreditam que as mulheres fazem suas próprias escolhas em relação à pornografia estão, de fato, espalhando "uma mentira feliz" (p. 131). Wendy Stock acusa feministas da liberdade de expressão de se identificarem com seus opressores "muito parecido com... prisioneiros de campos de concentração com seus carcereiros" - (p 150). Valerie Heller proclama que os liberais sexuais "criam mitos para disfarçar e distorcer o efeito de comportamento abusivo e explorador... colocando a responsabilidade pela opressão contínua da vítima sobre a própria vítima" (p. 157). Andrea Dworkin acusa seus críticos feministas de usar uma "raquete de proteção sexual" e sustenta que ninguém que defende a pornografia pode ser feminista (p. 136) (MCELROY, 1997, p. 56).

O debate sobre a pornografia como principal ativo de subordinação da mulher à dominação masculina e precursora da violência de gênero ainda é presente dentro do movimento feminista. Os argumentos e as autoras como Andrea Dworkin e Elizabeth MacKinnon ainda são referências de conteúdos na Internet que defendem o fim da pornografia. Embora a indústria tenha se modificado e tenha surgido vertentes com um olhar feminista sobre a pornografia, a discussão ainda esbarra nos mesmos percalços que moldaram as décadas de 1970 e 1980.

2.2 Feminismo anticensura

Os argumentos contrários da antipornografia partem de feministas que entendem que a anticensura deve estar acima de tudo, sejam elas as feministas liberais ou as feministas individuais, de acordo com a classificação de McElroy (1997). Os argumentos principais são: “a liberdade de expressão é uma condição necessária para a liberdade humana; a supressão da pornografia prejudicará as mulheres; e a pornografia oferece certos benefícios para as mulheres” (MCELROY, 1997, p. 69).

Assim como as feministas antipornografia encontraram em Dworkin e MacKinnon as vozes necessárias paras seus argumentos, feministas como Linda Williams e Nadine Strossen

se destacaram na defesa da liberdade de escolha das mulheres estarem inseridas não só na indústria, mas na possiblidade de consumo de pornografia.

Outro ponto de destaque que as feministas anticensura apontam é a não repetição de erros passados na tentativa de proibir a pornografia. Como já exposto, a Lei Comstock serviria para cesurar materiais pornográficos, mas acabou censurando outros materiais como os feministas, informações sobre sexo, aborto, infecções sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos. A indefinição do que é pornografia e do que não é abre margem para interpretações pessoais e dá ao censor – o uso da palavra no masculino reflete que em todos os casos pesquisados, a censura foi presidida por homens – o poder de decidir o que será censurado ou não, independente de ser classificado como pornografia ou não.

> Inevitavelmente, a censura será usada contra as visões menos populares, contra os membros mais fracos da sociedade, incluindo feministas e lésbicas. Quando a Suprema Corte do Canadá decidiu (1992) proteger as mulheres restringindo a importação de pornografia, um dos primeiros alvos foi uma livraria lésbica / gay chamada Glad Day Bookstore, que estava em uma "lista de acertos" da polícia. As autoridades canadenses também tiveram como alvo universidades e livrarias radicais. Entre os livros apreendidos pela alfândega canadense estavam dois livros de Andrea Dworkin: Pornography: Men Possessing Women and Women Hating (MCELROY, 1997, p. 70).

McElroy (1997) aponta, de acordo com a visão de feministas anticensura, como a pornografia é capaz de beneficiar as mulheres pessoal e politicamente:

> Beneficia-as pessoalmente de várias maneiras:
>
> 1. Fornece informações sexuais em pelo menos três níveis: oferece uma visão panorâmica das possibilidades sexuais do mundo; permite que as mulheres experimentem "com segurança" alternativas sexuais; e fornece uma forma diferente de informação que pode ser encontrada em livros ou discussões.
>
> 2. A pornografia elimina a confusão emocional que muitas vezes envolve o sexo no mundo real.
>
> 3. A pornografia quebra estereótipos culturais e políticos, para que cada mulher possa interpretar o sexo por si mesma.
>
> 4. A pornografia é o grande nivelador da vergonha.
>
> 5. A pornografia pode servir como terapia sexual.
>
> A pornografia beneficia as mulheres politicamente de várias maneiras, incluindo as seguintes:
>
> 1. Historicamente, a pornografia e o feminismo têm sido companheiros de viagem e aliados naturais.
>
> 2. Pornografia é a liberdade de expressão aplicada ao domínio sexual.
>
> 3. Ver pornografia pode muito bem ter um efeito catártico em homens que têm desejos violentos por mulheres.

> 4. Legitimar a pornografia protegeria as profissionais do sexo, estigmatizadas por nossa sociedade.

Enquanto a defesa de feministas antipornografia se baseia na violência, a defesa das feministas anticensura, principalmente as feministas individuais, se baseia na possibilidade da escolha das mulheres. As feministas anticensura reconhecem que dentro do seu próprio movimento também há contradições, principalmente no que diz respeito ao uso do corpo a serviço do capitalismo, que é visto como ferramenta do patriarcado para lucrar com a opressão da mulher na sociedade.

> O feminismo individualista fornece a melhor defesa da pornografia porque sua ideologia é a imagem espelhada do feminismo radical, de onde vem o ataque mais eficaz à pornografia. O feminismo individual insiste no princípio da autopropriedade: o corpo de uma mulher, o direito de uma mulher. Insiste em que as mulheres sejam livres para escolher, independentemente do conteúdo de suas escolhas. O conceito chave aqui é a escolha, que está presente sempre que uma mulher age sem coerção física. Certamente, está presente sempre que a própria mulher diz que as ações são voluntárias, porque é a única pessoa verdadeiramente capaz de julgar essa afirmação. As escolhas pacíficas de toda mulher devem ser respeitadas; a voz de toda mulher deve ser ouvida (MCELROY, 1997, p. 73).

O que as feministas anticensura mais temem é o uso do discurso da antipornografia contra as próprias feministas e o recuo em direitos históricos. Nadine Strossen afirma que a intervenção de Dworkin e MacKinnon criou uma espécie de "pânico sexual" onde tudo que envolva a mulher e o sexo é reprimido, além disso, materiais voltados aos públicos de gays e lésbicas também foram considerados imorais de acordo com os argumentos antipornografia (UROFSKY, 1995, p. 411).

2.3 As novas pornografias e o movimento pós-pornografia

Alguns termos surgem com os novos cenários pornográficos, onde as produções de grandes produtoras perde espaço dentro do ambiente digital e da possibilidade de consumidores se tornarem produtores de seus próprios conteúdos. Grandes sites como o Pornhub registram milhares de acessos diariamente e um grande fluxo de envio de materiais pelos próprios consumidores. Essa interação entre produto e produtores faz parte da chamada Netporn, um dos termos que surgiram após a efervescência desse novo fazer pornográfico, que Baltar e Barreto (2014) definem como sendo

> uma nova forma de produzir conteúdo a partir das mudanças oferecidas pelas novas tecnologias e novas formas de interação propostas em ambientes online. Os sites que se caracterizam por se estabelecerem na lógica da netporn constroem uma ideia de participação e construção de conteúdo colaborativo, onde encontramos a combinação entre consumo e comunidade. Tais sites também constroem uma nova

> estetização das representações do sexo, aderindo a esses elementos do universo participativo e colaborativo que rege a web 2.0. (BALTAR; BARRETO, 2014, p. 269).

A discussão moral que envolve a mulher e a pornografia refere-se também sobre o processo de tomada de decisão de participação voluntária na indústria. Díaz-Benítez (2010) analisa que a entrada de mulheres acaba sendo mais difícil do que a de homens heterossexuais, gays ou travestis e transexuais e que o fator econômico às vezes não se sobressai sobre o fator moral imposto pela sociedade às mulheres.

> As pessoas da rede acreditam que a razão dessa disparidade deve-se ao fato de tanto gays quanto as travestis já terem previamente afrontado suas famílias e a sociedade, motivo pelo qual "não teriam nada a perder" fazendo pornô. Quanto aos homens hétero, a eles são permitidas experimentações sexuais das mais variadas sem que isso afete negativamente sua imagem pública. Já para as mulheres, a transgressão às normas sociais ganha maiores dimensões: fazendo pornô elas passam a ser vistas como prostitutas e promíscua, o que as coloca do lado oposto dos paradigmas aceitos de comportamento sexual social. (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p. 53).

A autora também apresenta, por meio de pesquisa etnográfica, que a imagem da mulher na pornografia é fundamental para o sucesso da produção, iniciando na sua seleção que é feita apenas pelos fatores beleza e sensualidade (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p.65). De acordo com a pesquisadora, os gestos e o comportamento da mulher em frente à câmera é o que vai gerar efeito no consumidor – caracterizado como *público punheiteiro* – e ativar a sua imaginação fazendo-o sentir-se dentro da cena (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p.87, grifo da autora).

Embora os debates morais sobre o corpo da mulher na pornografia, a sua participação e o seu consumo ainda rendam polêmicas se olhado de diferentes modos, a participação mais ativa de mulheres que encontram na exibição de seu corpo e na pornoficiação dele uma forma de empoderamento tem sido cada vez mais frequente, quebrando, assim, os argumentos morais sobre seus corpos. Essa ascensão da mulher como dona do seu próprio prazer e do direito ao seu corpo para ser usado, inclusive, dentro da pornografia faz parte da ideia de pornificação de si.

> A pornificação de si é uma estratégia para a reconstrução corporal a partir, entre outras coisas, da valorização de corpos não depilados, não siliconados, fora dos padrões comerciais de beleza, negação da dicotomia masculino/feminino, etc. Desse modo, no pornificar-se, essas feminilidades conclamam o poder e controle sobre próprio corpo, como afirma Chris Straayer (1993), passam a "reclamar o corpo feminino como empoderamento da mulher" e com isso, acabam por subverter os valores que parecem restringir ao masculino o domínio do sexo e da sexualidade. (BALTAR, 2018, p.585).

Assim como discutido nas décadas de 1970 e 1980, a pornografia ainda é considerada um produto transgressor por mostrar "um *sexo voraz* que contradiga os itinerários do sexo

‘convencional’ e que espetacularizа as práticas” (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p. 109, grifo da autora). O uso de signos com intenção de gerar efeitos de excitação no consumidor ainda é utilizado na chamada pornografia *mainstream*, conceito que Martel (2012) define como o que é “dominante” ou do “grande público” (MARTEL, 2012, p. 479).

A transgressão que vai além do *mainstream* é chamada de pós-pornografia, que a autora Díaz-Benítez (2010) caracteriza como

> Um método analítico que reúne acadêmicas e militantes do feminismo mundial. Essa vertente traz uma nova forma de interpretação da pornografia, na qual se procura avançar politicamente nas representações estigmatizadas sobre as mulheres e reconhecer aas estratégias políticas implícitas ao sexo. (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p. 119)

Essa nova configuração do fazer pornografia tem influência dos debates feministas iniciados nas décadas passadas e que evoluíram junto com as tecnologias e as novas consumidoras dos produtos pornográficos. Como exemplo, podemos apontar Barbara Hammer, diretora lésbica da década de 1980 que produzia filmes pornográficos voltados para mulheres, e com o foco em uma representação mais inclusiva para as mulheres lésbicas, sem deixar as questões políticas que envolvem o sexo de lado.[4]

Algumas diretoras e produtoras de pós-pornografia se destacaram desde os anos 2000, como a diretora sueca Erika Lust que não classifica seu trabalho como pornô feminista e sim como pornografia alternativa. Um ponto que a cineasta destaca na pornografia que ela se propõe a realizar é a da pornografia como educadora sexual, sendo os vídeos disponíveis na internet muito mais deseducadores do que vem a ser o sexo e os corpos reais, como revela a diretora em entrevista:

> E é aí que é tão importante para mim poder influenciar esse gênero e fornecer uma alternativa à pornografia tradicional a que temos acesso. Porque muitos filmes têm valores negativos. Têm valores onde a mulher se encontra em um papel relativamente triste, tratada como objeto ou ferramenta e onde ela não é a pessoa principal, e muitas vezes há valores bastante agressivos e violentos. É como “bata na vadia!” Mas não é só pornografia, também acontece em videoclipes, por exemplo. E é extremamente importante para mim que outras pessoas possam explicar a uma geração jovem como funciona o sexo. (LASER, 2012, n/p).

Preciado (2015) afirma que essa representação de corpos e sexo presente nas produções que se apresentam como pós-pornográfica não tem a intenção de mostrar o sexo real, “mas sim produzir contra-ficções visuais capazes de questionar os modos dominantes” (PRECIADO, 2015). Essa é a proposta de Erika Lust ao colocar o prazer da mulher como

[4] Informações retiradas do Podcast Feito por Elas - #73 Barbara Hammer

foco nos seus filmes baseados em recados deixados por suas consumidoras em suas redes, e dessas confissões de mulheres que querem o seu desejo representado nas telas nasceu o projeto XConfessions em 2013.

> Inicialmente era um espaço online para as pessoas compartilharem suas confissões sexuais, mas ao longo dos anos ele cresceu em uma comunidade global de pessoas que adoram sexo e cinema, e sempre esperaram por um novo tipo de erotismo (...) Filmamos curtas-metragens explícitos com base nas melhores confissões anônimas que recebemos. Se sua confissão for escolhida, você será recompensado com um passe de um ano para acessar o site e poderá ver sua história em filme. Juntos, estamos mudando as regras da pornografia. Não apenas mostramos como é o sexo, contamos histórias sobre como é o sexo e o desejo e como nos comunicamos e interagimos intimamente um com o outro (XCONFESSIONS, 2020).[5]

No Brasil, a produtora de filmes adultos XPlastic aposta no segmento de pornografia para mulheres com a inserção de corpos fora do padrão estético encontrado no *mainstream*. Díaz-Benítez (2015) descreve corpos padrões da pornografia como sendo: branco, sem pelos nas áreas genitais e, às vezes, com cirurgias como correção vaginal e silicone. A descrição fornecida pela XPlastic é: "Desde 1998 reinventando a pornografia alternativa com histórias pervertidas e um elenco quase sempre degenerado"[6]. Para além da estética corporal, a produtora abriga entre seus realizadores, mulheres na direção e na produção dos conteúdos que, assim como os filmes de Erika Lust, são pagos e, consequentemente, de menor possibilidade de acesso se comparado a pornografia *mainstream*.

2.4 Mulheres consumidoras

O que podemos perceber é que as mulheres encontram pelo caminho da história mecanismos de privação ao acesso de conteúdos pornográficos, seja por meio de motivações conservadoras e religiosas ou pelas discussões antipornografia, por inúmeras instituições, incluindo também, o próprio movimento feminista. Esse afastamento não foi eficiente na retirada definitiva das mulheres do consumo e mais recentemente da produção do gênero pornográfico, sendo inclusive estas últimas, as responsáveis por uma proposta de ressignificação de parte da pornografia para que suas consumidoras se sentissem mais confortáveis com os produtos consumidos.

Desde que o acesso foi facilitado com a chegada da internet na década de 1990 e a chamada "domesticação da pornografia" (ABREU, 1996, p. 176), podemos destacar dois eventos que afetaram diretamente as novas produções pornográficas: a mudança dos

[5] Texto retirado da apresentação do projeto no site https://xconfessions.com/ acessado em 25/08/2020 às 16h.

[6] Texto retirado da apresentação da produtora no site https://videos.xplastic.com.br/ acessado em 25/08/2020 às 16h20min.

mecanismos de acesso e a relação do consumidor com o produto; e o aumento do consumo por mulheres e o seu envolvimento com o gênero.

De acordo com o PornHub Insights, o uso de smartphones para acessar o site em 2008 era de apenas 1% e em 2019 esse número deu um salto para 76,6% de acessos pelos dispositivo móvel. O estudo feito por McKeown, Parry e Light (2017) mostrou que as mulheres se sentem mais confortáveis em acessar pornografia em dispositivos como os smartphone, tanto pela praticidade de consumir a qualquer hora e em qualquer lugar quanto pela discrição e a privacidade (MCKEOWN; PARRY; LIGHT, 2017, p. 351).

A Quantas Pesquisas e Estudos de Mercado aponta que ao menos 22 milhões de pessoas assumem consumir pornografia no Brasil (MURARO, 2018). Dentro desse número, observou-se que 76% dos consumidores eram do sexo masculino e 24% feminino, a maioria com menos de 35 anos (58%), em um relacionamento sério ou casados (69%), provenientes de classe mais alta (49%) e com grau de escolaridade de 49% com ensino médio completo e 40% com ensino superior completo.

Alguns motivadores foram mencionados para compreender o consumo, dentre eles estão: ver e aprender situações/posições; sentir prazer livre e individual e como válvula de escape de desilusões e solidão. O critério mais mencionado para a escolha do conteúdo a ser consumido foi o de gratuidade no acesso (MURARO, 2018).

O PornHub, um dos sites gratuitos de acesso à pornografia mais visitados na internet, revela que a plataforma recebe 75 milhões de acessos diários. De 2013 a 2019, houve um crescimento de 5% no consumo de pornografia por mulheres brasileiras através do site PornHub, além disso, mundialmente falando, as mulheres saltaram de 23% para 32% no número de consumo de pornografia na plataforma (ORENSTEIN, 2017).

Visto que as mulheres fazem parte de um grupo de consumidoras em crescimento, colocamos como questão central de estudo, os critérios, razões e motivações para que as mulheres busquem consumir pornografia, seja o consumo do modelo tradicional ou dos formatos propostos pela pós-pornografia e pelas pornografias feministas.

Uma vez que o debate sobre os méritos e descréditos da pornografia vem sendo registrados sob uma perspectiva moral e religiosa, os estudos de comunicação podem ser

fundamentais no entendimento do consumo de mulheres por meio de uma abordagem da pesquisa social aplicada sobre a recepção dos produtos pornográficos.

3 ESTUDOS DE RECEPÇÃO

Embora vertentes de estudos como a psicologia, a saúde e o feminismo se dediquem a compreender os efeitos causados pela exposição dos materiais pornográficos e sexualmente explícitos sobre as mulheres, nosso estudo propõe uma perspectiva da comunicação, através do caminho dos estudos de recepção dos Usos e Gratificações, buscando compreender não seus efeitos, mas as motivações das usuárias para seleção e consumo da pornografia, na tentativa de compreender os valores que estes materiais possuem para o público feminino.

Para compreender a abordagem de Usos e Gratificações e sua aplicação, precisamos voltar ao início dos estudos de recepção para perceber o caminho da discussão dos efeitos e as gratificações, por meio da exposição dos receptores aos conteúdos dos diferentes meios de comunicação.

A primeira fase dos estudos dos efeitos da mídia na audiência começa a se desenhar durante a Primeira Guerra Mundial com a afirmação de que a mídia tem um poder ilimitado sobre a população (SOUSA, 2006, p. 492). Tal condição fica conhecida como "agulha hipodérmica" e parte da premissa de que a audiência é passiva e alienada e recebe os conteúdos e suas mensagens de forma inequívoca. Esse modelo direto de comunicação compreende a ideia de que o conteúdo era absorvido pelo receptor da mesma forma como foi transmitido no seu ponto inicial, era eficiente e irresistível.

Ainda na primeira fase dos estudos dos efeitos da mídia, teóricos como Karl Marx e Antonio Gramsci foram utilizados, sob a influência da Escola de Frankfurt, para reforçar a ideia de domínio através dos meios de comunicação de massa, ou seja, a imposição do poder de uma classe dominante sobre uma audiência passiva e hegemônica que seria os “dominados”. A Escola de Frankfurt foi um importante polo de discussão sob uma perspectiva de olhar a comunicação para além do modelo hegemônico (SOUSA, 2006, p. 414).

Já na segunda fase dos estudos dos efeitos da mídia, que durou até o final da década de 1960, surge um questionamento sobre esse efeito direto da mídia sobre a audiência, alegando que os efeitos da mídia na verdade, são limitados (MACNAMARA, 2007, p. 3). O estudo eleitoral de Lazarsfeld, em 1944, tornou-se referência para a desconstrução da teoria da bala mágica (agulha hipodérmica), proposta na primeira fase (ESSER, 2008, p. 2892). Nesta segunda fase, observou-se que os meios de comunicação tinham uma tendência maior em

reforçar atitudes do que criar novas ou mudar os pensamentos e atitudes da audiência. A pornografia foi apontada durante os estudos, como uma categoria a se observar a reprodução de atitudes, a partir do consumo dos conteúdos sexualmente explícitos, tomando a violência como efeito a ser reproduzido pela audiência (MACNAMARA, 2007, p. 3).

Os estudos dos Usos e Gratificações também foram determinantes para a segunda fase de investigação dos efeitos da mídia na audiência por compreender que o receptor além de ser ativo nas escolhas dos conteúdos aos quais são expostos, têm em conta para constituição dos seus comportamentos comunicacionais, antecedentes sociais, psicológicos ou circunstanciais capazes de modelar as motivações e até mesmo influenciar os possíveis efeitos dos meios (FERREIRA, 2016).

A terceira fase dos estudos se inicia no final da década de 1960 até o final da década de 1970. Nesta fase, há uma revisão dos primeiros estudos dos efeitos da mídia e do poder que ele exerce na audiência, de acordo com o considerado novo veículo de comunicação de massa: a televisão (ESSER, 2008, p. 2892). A particularidade dos estudos realizados com a audiência da televisão trazia a ideia de mudança do uso da mídia com a facilidade de escolha do receptor. Essa compreensão também foi aplicada na década de 1990 com o acesso a Internet banda-larga em ambientes domésticos. A audiência é ativa e exerce esse poder para escolher os conteúdos.

A teoria dos efeitos da mídia entra em uma quarta fase a partir do final da década de 1970 até os dias de hoje. As discussões que envolvem os estudos estão relacionadas ao poder que a mídia exerce sobre sua audiência, a escolha da audiência em relação ao conteúdo a ser exposto e quais o efeitos causados a curto, médio e longo prazo (ESSER, 2008, p. 2893).

Com o avanço das tecnologias e o desenvolvimento de novos meios de comunicação, a Internet se mostrou um instrumento promissor socialmente por acolher em um só lugar o armazenamento de arquivos, a comunicação e a relação interpessoal. O que nasceu como uma tecnologia para estratégia de guerras e tornou-se um importante meio de transferência de informações entre instituições governamentais e acadêmicas, chegou aos lares a partir da década de 1990 e se popularizou ao redor do mundo (MONTEIRO, 2001, p. 27 - 29).

Em 2019, o Relatório Estado da Banda Larga, uma parceria da Comissão de Banda Larga, empresas e as Nações Unidas, apontou pela primeira vez que mais da metade da população mundial tem acesso à internet, registrando 51% (VALENTE, 2019). No Brasil, foi

registrado pela pesquisa TIC Domicílios, realizada anualmente pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic), que em 2018, 126,9 milhões de brasileiros têm acesso à internet, o que corresponde a 70% da população (LAVADO, 2019).

Mesmo que o acesso à internet não tenha alcançado todas as pessoas de forma igualitária, como apontou Castells (2006), o desafio para a comunicação é o de compreender como os usuários se comportam diante dessa nova mídia. Para além da quantidade de consumidores, a forma como os processos acontecem rapidamente dentro do meio digital é o que intriga pesquisadores.

Neste sentido, a teoria dos Usos e Gratificações pode nos auxiliar a entender as motivações das mulheres usuárias de pornografia na Internet por vislumbrar não só a atividade de receptores, mas também a capacidade de influência dos contextos individuais, sociais e circunstanciais, conforme podemos conferir adiante.

4 USOS E GRATIFICAÇÕES

Usos e Gratificações (U&G) é uma abordagem teórica da comunicação preocupada com o processo de seleção e audiência dos conteúdos midiáticos. A premissa dessa abordagem é a de que receptores são ativos e possuem necessidades que serão gratificadas com a exposição a conteúdos específicos. Esse axioma também é válido para a exposição à pornografia, que parte de um desejo de satisfação de necessidades que a partida desconhecemos, e que justifica nosso empenho neste estudo.

Mesmo que muitos estudos estejam focados nos efeitos que a pornografia pode causar nos consumidores e consumidoras, seja ele psicológico ou de comportamento, a investigação das motivações dos indivíduos e indivíduas ainda é pouco conhecida. O esclarecimento desse conhecimento por meio de um estudo aprofundado traria indicações preciosas a respeito das relações mantidas entre as mulheres e os produtos pornográficos, produtos esses que marcaram e destacam conquistas importantes de direitos, como liberdade sexual para esse público específico.

Durante muito tempo, os estudos de recepção apontaram a audiência como passiva e denominada "audiência de massa", isso na segunda metade do século XIX (FERREIRA, 2010, p.48). O que era transmitido pelos meios de comunicação de massa serviu para manter o chamado sistema social, em que o receptor aceitaria de forma passiva o estilo de vida e de sociedade ao que era exposto a partir da visão, dos sociólogos da época, de uma visão da classe dominante (FERREIRA, 2010, p. 50).

Mas, o fato é que as teorias que apontavam para uma passividade dos receptores dos conteúdos oferecidos pelos meios de comunicação de massa foram se dissolvendo, a partir da observação dos comportamentos variados dentro do universo desses receptores e da tomada de consciência do tom pejorativo ao qual se referiam quando falavam sobre uma audiência de massa.

> Assim, apesar do alcance dessas elaborações iniciais, é plenamente difundido que conceber a audiência como massa significou assumir uma conotação pejorativa, "carregada de medo da despersonalização, da irracionalidade, da manipulação e de um declínio nos níveis culturais e morais" (MCQUAIL, 2003, p. 366). Das muitas ideias que determinavam a "audiência de massa", primordialmente uma, não poderia mais ser sustentada como factível; - as respostas "homogêneas" da audiência dos meios. A noção de uma audiência que age de forma uniforme frente aos meios foi sendo aos poucos concebida por outras designações que melhor conformavam a capacidade reativa da audiência (FERREIRA, 2010, p. 50-51).

Reconhece-se, então, que o estudo da audiência necessita de um aprofundamento e uma multidisciplinaridade para a compreensão dos fenômenos motivadores e de comportamento, após a exposição aos conteúdos dos meios. Muitos desses estudos se intensificam a partir da autonomia do consumidor adquirida por meio das novas tecnologias, como a televisão, que sugere que o receptor pode escolher o conteúdo ao qual será exposto de forma mais ativa.

Através das experiências e reflexões da audiência sobre os conteúdos das mídias, ela relaciona quais materiais lhes são gratificantes ou úteis e escolhe quais materiais consumir. Assim, (1) as origens sociais e psicológicas das (2) necessidades, que geram (3) expectativas de satisfação dos (4) meios ou outras fontes, levam a audiência (5) a padrões diferentes de exposição resultando em (6) gratificações das necessidades e (7) outras consequências Blumler e Katz (1974, p. 20).

> Nesse modelo, existe ainda a premissa de que o uso dos meios de comunicação de massa seja apenas um, entre outros meios de satisfazer necessidades cotidianas dos consumidores. Ao destacarem o caráter social das necessidades pessoais, os autores identificam alguns motivos para as escolhas: a orientação cognitiva; o entretenimento; e a identificação pessoal. Como gratificações propostas pelos meios de comunicação de massa, apontam a facilitação da aquisição de conhecimentos na busca por informação; a percepção da realidade social em consonância com aquela representada pela mídia; e o reforço da identidade pessoal. (MENEZES, 2014, p.136).

Em relação ao comportamento da audiência, McQuail e Windahl (1993) apontam que dentro dos estudos comunicacionais de recepção “o erro inicial foi supor que a mídia escolha seu público” (MCQUAIL; WINDAHL, 1993, p. 132), visto que a audiência demonstrou um poder de escolha muito mais autônomo sobre o que pretende consumir da mídia disponível para a seleção.

A atividade da audiência, abandonando de vez a visão de um consumidor passivo, é compreendida a partir da “tipologia da atividade da audiência”, proposta por Levy e Windahl (1985), essa tipologia consiste em compreender não apenas os critérios de seletividade, mas também qual a utilidade que o consumidor atribui aos meios aos quais são expostos. De forma mais completa, a tipologia da atividade da audiência nos diz que

> 1. A seletividade é um processo de escolha não fortuita de uma ou mais alternativas de comportamentos, percepções ou conhecimentos relacionados aos meios. A seleção antes da exposição propriamente dita reflete a decisão individual de consumo dos meios fundamentada nas percepções aprendidas e experiências anteriores dos meios. Também a seleção durante a exposição é compatível com o modelo. O princípio da percepção seletiva sugere que os membros da audiência deem mais atenção a algumas partes da totalidade da mensagem do que outras.

> Estudos sobre leitores de jornais têm demonstrado, por exemplo, que diferentes indivíduos que leem o mesmo jornal focam sua atenção em seções diferenciadas. A seletividade posterior à exposição efetiva dos meios por sua vez é verificada com o processo de recordação seletiva.
>
> 2. O envolvimento da audiência com os meios está relacionado ao grau em que o receptor percebe uma conexão entre ele e os conteúdos dos meios, segundo a interação que este mantém com as mensagens. O envolvimento anterior à exposição sugere, por exemplo, que algum nível de antecipação pode associar-se com o uso projetado dos meios, o que poderia demandar do receptor, certo nível de apreensão para a exposição (jantar mais cedo para se dedicar às telenovelas é um exemplo). Durante a exposição, o envolvimento se relaciona aos níveis de consciência sobre as mensagens consumidas, reveladas, pelos níveis de atenção dedicados aos conteúdos (não permitir crianças no local de exposição aos conteúdos prediletos ou costurar enquanto se assiste à televisão, determinaria o grau de envolvimento do receptor com o programa assistido). O envolvimento posterior à exposição sugere que o indivíduo pode vir a participar de atividades relacionadas ao material objeto de seu envolvimento, como colecionar revistas, figurinhas, ou o que quer que esteja conectado ao produto mediático ao qual o receptor se expõe.
>
> 3. A noção de utilidade condensa o processo da audiência em antecipa os usos dos meios de comunicação para os seus propósitos pessoais. A utilidade anterior à exposição é exatamente o grau de consciência da expectativa que o receptor deseja gratificar e a noção de onde a expectativa pode ser gratificada (- "agora vou relaxar com minhas telenovelas", ou, - "preciso ver o capítulo do casamento da novela para me informar sobre como me vestir no casamento da vizinha"). Durante a exposição tal utilidade se refere ao próprio processo motivado, pois nem sempre a exposição se relaciona a uma busca específica ou a uma expectativa a ser satisfeita; "muitas das gratificações cognitivas e afetivas obtidas com os meios se experimentam na situação de exposição". A utilidade depois da exposição se relaciona aos diversos usos dos materiais dos meios em seu contexto imediato; conversas a respeito dos conteúdos ou a ação de compra baseado em tais materiais são exemplos ilustrativos do seu conceito (FERREIRA, 2016, p. 10-11).

Consumidores e consumidoras ao deparar-sem com novas tecnologias e figurações comunicativas acaba por modelar também novos comportamentos de consumo, o que inclui processos como o seletivo, quiçá interpretativo, de atitude e eventualmente, comportamentais. Dessa forma, é justo dedicar nossa atenção ao consumo das mulheres da pornografia, uma vez que também, pouco são os estudos dedicados a esse fenômeno. Nesse sentido, a abordagem teórica de U&G se mostrou útil para ponderar sobre os princípios básicos do comportamento de consumo dos meios e seus conteúdos.

4.1 Histórico e desenvolvimento dos Usos e Gratificações

É na década de 1940 que os estudos de U&G iniciam as descrições dos motivos pelo qual a audiência selecionava e consumia os diversos meios como rádio, jornal, cinema, revista, quadrinhos, etc. Esta perspectiva aponta para uma audiência que consome os conteúdos da comunicação social através de suas escolhas com o propósito de satisfazer objetivos pessoais, como se divertir, entender ou resolver um problema (FERREIRA, 2010, p. 68).

Nas décadas de 1950 e início dos anos 1970, a pesquisa passa à operacionalização de múltiplas variáveis que resultaram como explicativas dos diferentes padrões de exposição aos meios, marcando assim uma segunda fase das pesquisas.

> Um passo importante no surgimento de uma fase "moderna" na pesquisa de usos e gratificações foi a fuga da sombra da pesquisa de efeitos. O público veio, durante as décadas de 1960 e início dos anos 1970, a ser estudado por si só, com suas escolhas e respostas à mídia, exigindo compreensão e explicação independentemente de qualquer consideração sobre o efeito da mídia (MCQUAIL; WINDAHL, 1993, p. 133).

As relações entre os contextos da audiência, os motivos da audiência e as satisfações gratificadas pelos meios, aportaram uma estratégia “mais explicativa” para uma grande variedade de processos comunicativos mediados pelos diversos aparatos tecnológicos da comunicação (WIMMER, 1996, p. 396-398 apud FERREIRA, 2010, p. 69).

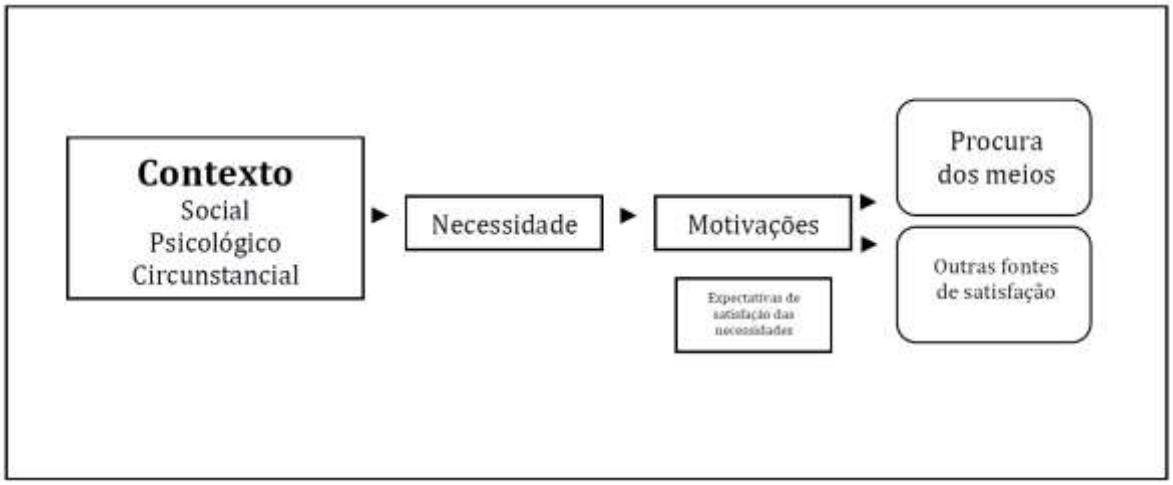
Isso significou compreender que, pessoas introvertidas ou com baixos níveis de relacionamentos sociais, (contexto psicológico e/ou contextual) buscam em conteúdos televisivos de variedades (auditório) e/ou de entretenimento, como telenovelas, integração social potencial, com as pessoas participantes e/ou representadas nesses. É como que, em uma experiência vicariante, o receptor pudesse se sentir potencialmente participante dos acontecimentos sociais nos programas transmitidos e assim, integrados a eles.

Desse modo, os contextos da audiência (social, psicológico, circunstancial) estão provocando uma necessidade (interação social), ou motivação, que nesse caso, é conceitualmente determinado como o desejo por satisfação das necessidades, que os conteúdos da comunicação social podem satisfazer (experiência vicariante de sociabilização).

Sua diversificação de métodos e preocupações ainda que focado na exposição, se expande nas décadas subsequentes, como podemos ver nos estudos (figura 1) que se dedicam (1) às origens sociais e psicológicas das gratificações dos meios; (2) ao valor da expectativa; (3) à atividade da audiência; (4) às gratificações e o consumo dos meios, (5) às gratificações procuradas e obtidas, e (6) às gratificações e os efeitos dos meios (PALMGREEN; WENNER; ROSENGREN, 1985, p. 13).

> Blumler e Katz (1974) apontam que foi com a revisão do conjunto de pesquisas desenvolvidas nos EUA, Grã-Bretanha, Suécia, Finlândia, Japão e Israel, que o interesse de estudo da tradição pôde ser sistematizado, sendo basicamente: (1) as origens sociais e psicológicas das (2) necessidades, que geram (3) expectativas de satisfação dos (4) meios ou outras fontes, que levam a (5) padrões diferentes de exposição resultando em (6) gratificações das necessidades e (7) outras consequências (FERREIRA, 2010, p. 70).

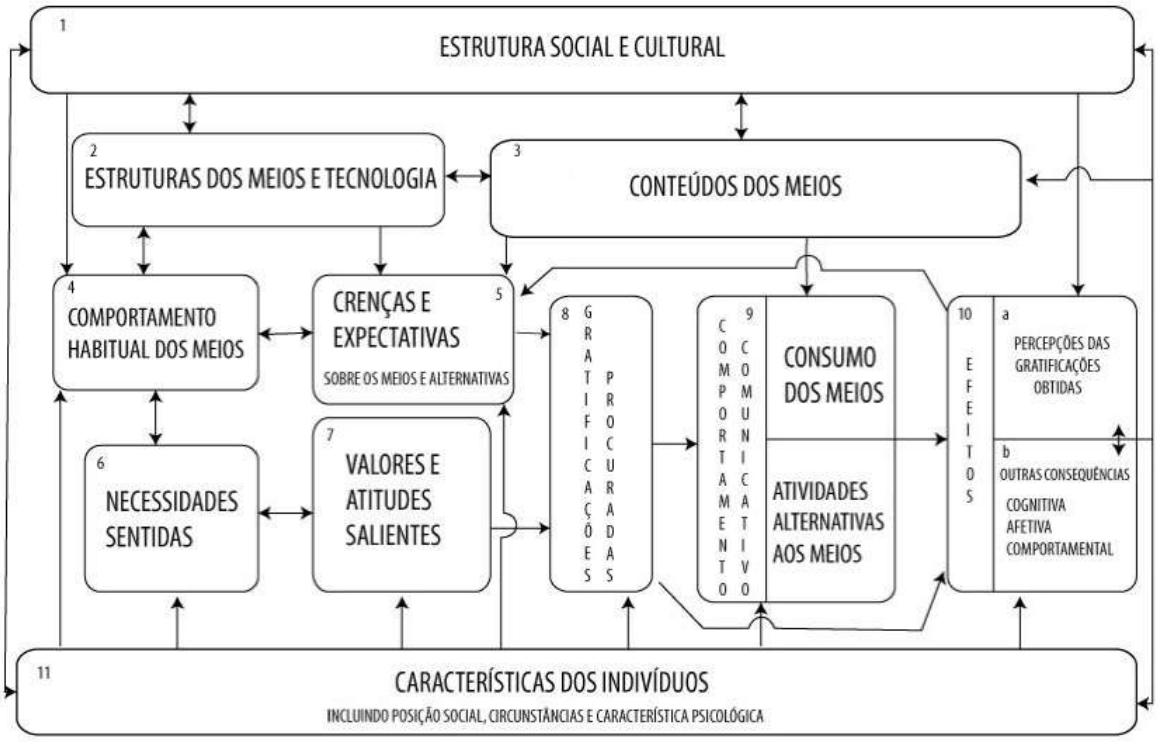
Figura 1 – Modelo de Blumler e Katz



Fonte: MCQUAIL e WINDAHL, 1993, p. 134, tradução nossa.

A quarta fase deixou nítido que o esquema de Usos e Gratificações desenvolveu um caráter mais amplo da sua teoria inicial, o que passa ser conhecido hoje por seu largo espectro de especialização junto ao processo de exposição, dedicando-se entre outras coisas ao "valor da expectativa às gratificações", à construção das "dimensões da atividade da audiência" (FERREIRA, 2010, p. 71-72). Abaixo (figura 2), um exemplo do esquema de U&G sobre os fatores que influenciam a escolha da audiência:

Figura 2 – Modelo amplo de U&G.



Fonte: FERREIRA, 2016, p. 05.

A proposta da análise do consumo de pornografia pela perspectiva dos estudos de Usos e Gratificações traz a sugestão de Katz (1959 apud MCQUAIL, 1993, p. 132) de se prestar "menos atenção ao que a 'mídia faz as pessoas' e mais ao que 'as pessoas fazem com a mídia'". A compreensão de como, e principalmente "porque", o público feminino procura e consome pornografia passa a ser nosso objeto de estudo.

5 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A Teoria Fundamentada em Dados (TFD) é uma abordagem metodológica indutivo-interpretativa que privilegia a construção teórica fundamentada nos dados substantivos provenientes dos atores envolvidos no fenômeno investigado. A TFD se assemelha com a etnografia e a fenomenologia, em que se destaca a subjetividade da realidade construída pelos respondentes (HANNABUSS, 1996).

Suas concepções fundamentam-se no Interacionismo Simbólico, que parte da premissa de que o significado dos comportamentos, ações, práticas, crenças, motivações, interpretação das situações da vida cotidiana, resulta ou insurge da interação social que as pessoas estabelecem entre si. Em outras palavras, as práticas são entendidas como produtos sociais derivados das interações e, dessa forma, seus significados não são intrínsecos ao comportamento em si, mas aos sentidos que os indivíduos dão para estes. Outro ponto importante é que os sentidos das situações da vida cotidiana são manipulados e modificados pelo sujeito por meio de um processo interpretativo quando lida com as situações que encontra.

Portanto, a interpretação não é uma aplicação simples e automática dos significados estabelecidos, mas sim, um processo formativo no qual os sentidos são usados e revisados como instrumentos norteadores da ação (CHARRON, 1989). É a partir dos sentidos que os sujeitos dão aos seus comportamentos cotidianos, que encontramos elementos que nos levam à compreensão das suas ações cotidianas. Especificamente para esta pesquisa, entender o sentido que as consumidoras dão à ação de consumo de pornografia, vai nos ajudar a compreender as suas motivações.

5.1 Princípios da estrutura da TFD

O princípio primeiro da TFD é a elaboração de categorias capazes de organizar e interpretar os fenômenos, explicando suas propriedades, demonstrando suas origens e as condições nas quais as ações se manifestam (FERREIRA; FELIZOLA, 2012, p.08). A partir dessas categorias é que se chega à base da construção da estrutura teórica explicativa do fenômeno ou suas hipóteses teóricas.

Para a construção das categorias fonte de dados, a TFD sugere sete processos básicos: 1 - Envolvimento simultâneo na coleta dos dados e análise; 2 - Construção de códigos analíticos e categorias surgidas a partir dos dados; 3 - Uso do método comparativo constante,

sendo que este envolve todas as fases de investigação; 4 - Avanço do desenvolvimento teórico durante cada passo da coleta de dados; 5 - Escrita de memorandos para elaborar categorias, especificar propriedades e relacionamentos, bem como a investigação e identificação de lacunas de conhecimentos; 6 - Saturação amostral de dados; e 7 - Condução da revisão de literatura após a análise dos dados pelo pesquisador (CHARMAZ, 2006, p, 67).

Devemos nos atentar a sétima sugestão da TFD, onde a revisão de literatura é colocada como última coisa a ser feita no processo. Essa estratégia tem por objetivo manter o pesquisador longe de "formulações preconcebidas" (CHARMAZ, 2006, p. 68). Além disso, é uma forma de assegurar ao pesquisador uma maior liberdade para descobrir novos conceitos, assim como uma melhor análise dos dados coletados sem uma visão moldada por outros teóricos previamente. De fato, teorias conhecidas podem ser um ponto de partida para olhar as informações, mas elas não devem oferecer visões preconizadas que automatizam e até mesmo forçam a análise dos dados.

Focando melhor nessa pesquisa proposta, a revisão sobre Usos e Gratificações elaborada foi importante para o estabelecimento dos princípios fundamentais dos processos comportamentais do sujeito junto aos meios de comunicação e massa, entretanto, como visto, não recorremos ao objeto específico dos motivos de uso da pornografia pelas mulheres, trabalho esse que será desenvolvido posteriormente ao trabalho indutivo a ser realizado.

A Teoria Fundamentada em Dados entende que a revisão da literatura deve criar um diálogo com a área substantiva da investigação proporcionando um melhor entendimento de ideias, fazendo comparações coerentes, impulsionando discussões teóricas e também mostrando como o estudo desenvolvido destaca-se sobre o conhecimento estabelecido.

5.2 Pontos Estratégicos de investigação

Partimos da compreensão de que o recolhimento dos dados e a sua análise acontecem de forma integrada na investigação. A amostragem teórica é recolhida, codificada e analisada na busca de fontes que podem fornecer dados relevantes para a pesquisa proposta. Esse caminho permite que a partir da análise dos primeiros dados, a investigação tenha um norte mais concreto, sempre buscando descobrir novos incidentes que surgem durante as análises e, então, poder firmar um direcionamento coerente para a continuação do recolhimento dos dados durante a pesquisa.

A busca pelos resultados só é considerada suficiente quando há uma “saturação teórica de dados” (ponto 6 dos processos de TFD), ou seja, quando não se é mais possível identificar novos conceitos ou quando os conceitos tornam-se repetitivos. A base da coleta de dados então é caracterizada não pelo número de unidades contatadas, mas sim pela variedade de dimensões contida nos dados (TRINIDAD; CARRERA; SORIANO, 2006, p. 25). Importante para o critério de amostra teórica são as características das ideias surgidas que propõem padrões de comportamento e eventos relacionados ao fenômeno em estudo.

O desenvolvimento dos códigos analíticos durante a pesquisa acontece de acordo com o método comparativo, sendo o segundo ponto estratégico do processo. Os incidentes descobertos a partir dos dados coletados, quando categorizados e colocados em suas propriedade e dimensões anteriormente identificadas, tornam o fenômeno muito mais substancial e isso implica na possibilidade de tornar esse processo em teoria após a pesquisa.

A codificação divide-se em três etapas que devem ser seguidas: a codificação aberta ou inicial, codificação axial e codificação seletiva/ teórica. Todas as fases acontecem junto com a técnica de comparação constante (ponto 3). A escrita de memorandos (ponto 5) também é constante e útil em todas as etapas da investigação, seja para supor categorias, identificar relacionamentos através de “insights”, lacunas de conhecimentos, bem como para mapear e desenvolver diagramas conceituais.

Em seguida, acontece a escrita da proposição teórica onde se expande o desenvolvimento do trabalho conceitual descoberto. O desenvolvimento conceitual lógico baseado nos princípios da verificação dedutiva é conduzido sobre a estrutura surgida do estudo indutivo. Tal elaboração lógica é então concluída com a reunião das teorias externas que possuem potencialidade para interpretar os conceitos formulados do fenômeno em estudo.

5.3 Coleta de Dados

Como técnica de coleta de dados, utilizamos um formulário online (quadro 1) na plataforma Google Forms e a entrevista em profundidade. A aplicação do formulário servirá como uma introdução do assunto e um convite às mulheres para que se disponibilizem para o contato seguinte na forma da entrevista em profundidade virtual.

O processo de coleta de dados da pesquisa iniciou com a aplicação de um questionário online criado apenas para recolher dados de mulheres dispostas a participarem da fase

seguinte da pesquisar nas redes Facebook, Instagram e Twitter, sendo divulgada e compartilhada por uma rede de amigos próximos e chegando a atingir oito estados diferentes no Brasil. Todo o processo aconteceu de forma virtual em virtude das dificuldades enfrentadas pelo momento pandêmico de Covid-19.

O questionário inicial foi respondido por 145 mulheres e a indicação de realização da entrevista de fato, contou com um total de 70 mulheres. Para a entrevista, criamos alguns critérios para seleção e condução da recolha de dados por meio das entrevistas. Foram excluídas as respondentes que eram menores de 18 anos e àquelas que não indicaram nenhuma forma de contato como e-mail ou telefone para o agendamento da entrevista.

Quadro 1 – Proposta de formulário online.

Formulário
1. Você aceita participar da pesquisa?
SIM
NÃO
2.Você se considera uma consumidora de materiais considerados pornográficos?
SIM
NÃO
3. Com que frequência você costuma consumir pornografia?
Uma vez ao mês
Duas vezes ao mês
Uma vez por semana
Duas vezes por semana
Todos os dias
Raramente (menos de x vezes/ ano); Poucas vezes, frequentemente
Não sabe informar
4. Em qual formato você costuma consumir pornografia? (pode marcar mais de uma opção)

Literatura
Vídeo
Áudio
Ilustrações
Outros: (descreva)
5. Você costuma consumir conteúdos pornográficos de que forma?
Pago
Gratuito
Ambos
6. Por que você consome pornografia?
Curiosidade
Prazer (excitação sexual)
Escape (relaxamento ou alívio de tensão)
Entretenimento
Melhorar o relacionamento
Interagir com parceiro (a)
Autoconhecimento do seu corpo
Aprendizado (novas posições, novos fetiches, etc.)
Outros: Qual?
7. Idade
9. Estado onde mora
10. Profissão

11. Se você aceitar participar de uma segunda etapa da pesquisa, na qual serão realizadas entrevistas virtuais, deixe abaixo uma forma de contato (e-mail, telefone, etc.) e o melhor horário ou turno para o contato. Em hipótese alguma sua identidade será revelada.

Fonte: Elaboração nossa (2020).

A entrevista em profundidade (quadro 2) cumpre um papel importante no estudo porque ela possui algumas vantagens, como o contato mais próximo com a entrevistada, podendo extrair de forma mais complexa as respostas necessárias para qualificar a pesquisa. A entrevista em profundidade garante a possibilidade de observação da forma como as mulheres lidam com a questão da pornografia em suas vidas, se ainda é uma questão que causa ou não constrangimento e se as respostas obtidas nos questionários são observadas através do comportamento das respondentes.

Após a triagem, foram enviamos e-mails e mensagens para agendamento, e como resultado, apenas 13 mulheres se predispuseram a entrevista, todas elas cientes de que seus dados seriam utilizados para a pesquisa, mas suas identidades seriam preservadas, de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas foram realizadas através do Google Meet no período de novembro de 2020 a janeiro de 2021.

Importante destacar que o período de pandemia trouxe impedimentos para que o número de entrevistas fosse maior. Algumas desmarcaram a entrevista agendada alegando problemas familiares decorrentes do Coronavírus, não havendo oportunidade de reagendamento. A condição dessas mulheres foi respeitada mesmo que trouxesse dificuldade para os resultados finais por compreender que é um período atípico e difícil para todos os envolvido da presente pesquisa.

Quadro 2 – Proposta de roteiro para a entrevista em profundidade

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Motivações: Quais as razões que as entrevistadas identificam como sendo determinantes para que elas consumam pornografia, por ordem de relevância.

Aprofundamento na motivação: origem social, psicológica e circunstancial dos motivos, condições de assistência, consequências do consumo dos materiais pornográficos, contato inicial com a pornografia, histórico familiar sobre o tema, modo de consumo (se sozinha ou acompanhada).

Acesso: Meios, tecnologias, plataformas, quais as buscas mais atrativas, intensidade e frequência.

Conteúdo: tipo de conteúdo privilegiado, diferentes tipos de abordagens do sexo, formatos, estilos.

Satisfação: Níveis de identificação e gratificação com os materiais. Diferentes gêneros e estilos pornográficos.

Perfil: orientação sexual e identidade de gênero, idade, profissão, interesses e opiniões sobre o consumo de pornografia, interesse e opiniões sobre o feminismo.

Fonte: Elaboração nossa (2020).

5.4 Tratamento dos Dados

Aplicados os formulários, foram analisadas as respostas que se mostraram interessadas em dar prosseguimento ao estudo na forma de entrevista em profundidade, sendo essa pesquisa qualitativa e que se interessa não pela quantidade de respostas, mas pela qualidade dos dados que serão obtidos, possibilitando uma leitura mais profunda e a elaboração de hipóteses teóricas ao final da análise. Os passos seguintes consistiram em entrar em contato com a entrevistada pelo contato disponibilizado por elas no formulário, o agendamento da entrevista, através de chamada de áudio ou vídeo e a realização da entrevista em profundidade.

Após o contato de cada entrevista, o procedimento seguinte foi a transcrição e a análise dos dados, em conformidade com o método de comparação constante. É mediante a percepção e identificação dos incidentes codificados que a análise aconteceu em um processo composto por três estágios: codificação aberta, codificação axial e codificação seletiva/ teórica.

A codificação aberta é o exame dos dados que ocorre por semelhança e diferença, sendo esses divididos e colocados em categorias. O processo de categorização parte da rotulação das informações, a nomeação, sintetização e organização dos dados. As categorias iniciais serão desenvolvidas e redefinidas no decorrer das entrevistas e dos entendimentos percebidos conforme as novas informações.

A codificação axial é o processo em que estabelece conexão entre as categorias encontradas na intenção de construir, assim, os conceitos teóricos. Essa etapa tem o objetivo de integração entre as categorias e subcategorias, dimensões bem como a reunião de informações que dão coerência à análise emergente. Tal procedimento cria uma estrutura conceitual que é denominada na TFD de "modelo de análise". Em conjunto, as categorias integradas ao modelo demonstrarão as relações substantivas padrões do fenômeno.

A etapa de codificação seletiva/ teórica tem a discussão dedutiva da formulação indutiva (substantiva) formulada, ou seja, a discussão dos resultados encontrados com a melhor literatura encontrada, que pode ratificar, refletir ou refutar os achados estabelecidos. Nessa etapa, as formulações feitas após a análise dos dados e a categorização das motivações são amparadas e comparadas com uma literatura que tenha não só relação com o estudo, mas que seja capaz de aprofundar ainda mais a discussão. É a hora em que a pesquisa conversa diretamente com outros autores e estudos, criando, assim, uma argumentação consistente.

Após as etapas de comparação de resultados, discutimos a análise obtida com as entrevistas para chegar ao objetivo final deste estudo, que é o entendimento das motivações que as mulheres apontam para o consumo de pornografia. Todas as respostas que traziam motivações foram espontâneas, podendo ser apresentada mais de uma motivação pela entrevistada, compreendendo que a motivação não é uma constante e que ela acompanha os ciclos e o contexto de vida da entrevistada.

6 RESULTADOS

A coleta de dados e a interpretação das falas nos permitiu formular uma estrutura explicativa sobre os motivos que levam as mulheres a consumir pornografia bem como algumas noções sobre algumas performances. Ao revelar essas condições, iniciamos com a exposição de um breve perfil das entrevistadas que se declararam consumidoras de pornografia.

A identidade das entrevistadas foi preservada conforme acordo prévio estabelecido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido enviado para cada entrevistada antes da operação da coleta de dados, e assim seus respectivos nomes não serão aqui revelados. Essa construção inclusive possibilitou um vínculo de maior liberdade entre entrevistadora e entrevistada uma vez que tratamos aqui de um assunto delicado por expor a intimidade das declarantes. Para facilitar a visualização dos perfis das respondentes, construímos o quadro onde visualizamos as informações de idade, local onde residem, profissão e orientação sexual.

Quadro 3: Perfil das entrevistadas

Idade	Cidade	Profissão	Orientação Sexual
25	Poço Verde – SE	Professora	Heterossexual
25	Aracaju – SE	Funcionária Pública	Bissexual
36	Rio de Janeiro – RJ	Professora	Bissexual
28	Araraquara – SP	Auxiliar de Produção	Bissexual
24	São Paulo – SP	Estudante	Heterossexual
21	Cachoeira – BA	Estudante	Homossexual
24	Aracaju – SE	Jornalista	Homossexual
25	São Cristóvão – SE	Autônoma	Heterossexual
26	Aracaju – SE	Psicóloga e Doula	Heterossexual
29	São Paulo – SP	Estudante	Bissexual
24	Aracaju – SE	Autônoma	Homossexual
38	Aracaju – SE	Enfermeira obstétrica	Bissexual
39	Aracaju - SE	Farmacêutica	Heterossexual

Fonte: Elaboração nossa (2021)

A nossa amostra então se constituiu com entrevistadas jovens/adultas, tendo uma variação pequena de 21 a 39 anos. Foram indicadas nesta pesquisa sete cidades diferentes onde as entrevistadas residem, sendo Aracaju - SE (6), São Paulo – SP (2), Poço Verde – SE (1), Rio de Janeiro – RJ (1), Araraquara – SP (1), Cachoeira – BA (1) e São Cristóvão – SE (1). A concentração das entrevistas ficou entre dois estados do Nordeste e dois do Sudeste.

No que diz respeito à profissão vimos estudantes (3), professoras (2), autônomas (2), funcionária pública federal (1), auxiliar de produção (1), psicóloga e doula (1), enfermeira obstétrica (1), jornalista (1) e farmacêutica (1).

Durante as entrevistas, algumas informações, como o primeiro contato com materiais pornográficos, foram exploradas para que fosse possível ter uma visão mais elaborada sobre as preferências e a construção das motivações apresentadas.

> O primeiro filme, filme pornô que eu vi foi um DVD. Eu estava em casa com uma prima minha mais velha, ou era uma babá, não sei, era alguém que tomava conta de mim. E era um DVD do meu pai e o nome era noiva alguma coisa, e era realmente uma mulher que saiu do casamento e ela ia transar com um cara, e assistiu eu e essa mulher e eu fiquei tipo assim… Sei lá, eu fiquei sem entender, eu entendia o que estava acontecendo, mas eu fiquei "não acredito que as pessoas fazem isso". Foi um choque assim, mas eu lembro de me sentir excitada vendo, mas eu era muito pequena, acho que eu tinha menos de 10 anos de idade, era muito pequena. E aí, eu lembro muito dessa cena assim, eu lembro de ter achado outras coisas do meu pai depois escondidas, sempre escondidas em cima do guarda-roupas e eram sempre revistas ou então DVDs.
>
> Quando era bem nova, adolescente, na casa de algum parente, a minha prima mais velha falou "vamos botar um filme" e botou um pornozão lá e a gente ficou vendo.
>
> Assim, por eu ser caçula de dois irmãos, começou bem cedo. Então, a gente sempre encontra umas coisas ou outras, né, principalmente quando a gente tem família grande, compartilha tudo, não sei o que. Então, eu não sei precisar a idade, mas foi bem nova, acho que eu tinha, sei lá, uns 10 anos, acho que é isso, não sei, mas foi bem jovem mesmo.
>
> Então, a primeira vez que eu tive acesso, porque eu tive um primo, que ele é 10 anos mais velho que eu, e aí ele casou-se e ele trabalhava de escala, e a esposa dele tinha medo de dormir sozinha e eu era companhia pra ele e eu dormia na casa deles. Sendo que eu sempre fui de dormir muito tarde, então eu tinha uns 13 ou 14 anos, estava vendo TV na sala deles, e aí eu vi fitas. E aí na curiosidade, eu coloquei e vi.
>
> O meu primeiro contato foi Cine Band Privê e aqueles livrinhos de banca de revista, tipo Sabrina. Minha mãe tinha horrores deles. Eu tinha uns 14 anos, eu acho que de 14 pra 15.
>
> Veja, assim, com a pornografia em si, eu acho que foi assim talvez no final da adolescência ou início da fase adulta já. Eu lembro que na minha casa assistia muita novela assim da Globo e aí eu via algumas cenas, que eram cenas mais picantes assim, hoje eu não assisto novela, então eu não sei como está hoje. E aquilo pra mim já era um pouco demais, assim. Mas pornografia mesmo já foi no início assim da fase adulta.

> Então, durante a minha infância eu talvez tenha tido contato assim esporadicamente, sabe ver alguma cena? Mas o meu primeiro contato, assim de eu procurar pra consumir, eu tinha por volta de uns 12 anos e foi, essa lembrança marcante que eu tenho, a única, na casa de uma tia minha, eu tinha um primo mais velho e no computador tinha esses vídeos pornográficos e acho que sim, que lá foi o primeiro contato que eu procurei, sabe?
>
> Eu acho que com 14 ou 15 anos. De início eu via pelo canal do Multishow, mais por curiosidade. Acho que um pouco antes e com mais frequência depois que eu perdi a virgindade.
>
> O meu primeiro contato foi na escola, uma amiga levou um que ela tinha encontrado na mochila do irmão dela, a gente estava na oitava série, e aí foi meu primeiro contato, a gente viu juntas. Ela achou e aí levou para a escola pra mostrar para os amigos, sabe? Era uma revista. Uma revista com fotos de um casal transando.
>
> Foi na adolescência com um DVD de um amigo da escola, mas não lembro muitos detalhes.
>
> Eu sei que foi quando eu tinha 16 anos, que o amigo da minha amiga, falou comigo, mandou um link pra mim. Antes eu não tinha nunca nem procurado. Era um hentai.

Nestes casos, o que se aponta como destaque é a forma enfática em que as mulheres se referem a uma influência de pessoas mais experientes. Levando em consideração que nos relatos mostrados, o consumo tenha começado entre os 10 e 14 anos, o fato de uma pessoa com alguma experiência sexual ou que já havia tido contato com a pornografia ou possuía os conteúdos de forma que despertasse a curiosidade para o consumo, é relevante para a primeira experiência, pois o acesso à pornografia parte de uma iniciativa de terceiros e não do indivíduo que a princípio desconhece os conteúdos pornográficos.

Nos casos em que o primeiro contato acontece por iniciativa da consumidora, o material é acessado por uma condição de acesso facilitado, embora não necessariamente permitido pelo proprietário do material. No geral, a curiosidade foi o motivo que impulsionou o primeiro contato com o material pornográfico.

Outros fatores relacionados a esses primeiros contatos são o de confundir os conteúdos eróticos com os pornográficos, sendo consideradas até telenovelas como lembrança de experiências iniciais. Pode-se associar isso ao fato de não haver uma influência direta de pessoas que dissessem se aquele conteúdo era pornográfico ou não, sendo considerados “pornografia”, todo e qualquer material que despertasse nas entrevistadas os seus desejos sexuais.

Apesar de a maioria das experiências com o primeiro contato com pornografia serem prazerosas, houve uma mudança na intenção do consumo ao longo do tempo de vida das entrevistadas, onde com o fim da “curiosidade”, as impressões e a relação com a pornografia

começaram a se desenvolver de forma mais madura. Esse desenvolvimento e essa mudança de envolvimento frente aos conteúdos dependem de fatores como a liberdade de poder acessar pornografia com privacidade, vencer o tabu religioso ou conservador da família e conhecer mais sobre a indústria pornográfica.

> E aí com a minha experiência própria, aí eu fui entender que aquilo ali na prática não é bom, que aquilo ali é encenado. E aí eu fiquei "nossa, como é que, poxa, parecia ser tão bom ali no vídeo, né?" e quando a gente vai experimentar aquilo não é tão bom e aí que vai começar a cair as fichas, né, sentir que aquilo não era tão bom.
>
> Ah, eu fiquei até uns dezoito anos achando que era muito pecado, aí foi ficando cada vez menos fazendo sentido que isso é pecado, foi diminuindo o sentido pra mim, sabe? Cada vez mais eu não conseguia explicar pra mim porque era pecado. Chegou uma hora que não tinha explicação, não tem porque isso ser pecado, não faz mais sentido, sabe? Então eu acho que fui racionalizando ao ponto de que tipo, eu não sinto mais culpa nenhuma, fui cada vez sentindo menos culpa, sabe? Acho que racionalizar muito, eu ficava procurando uma resposta pra mim, tipo "é pecado por isso, isso e isso", aí depois não faz o menor sentido. Hoje não faz o menor sentido pra mim ser pecado. Mas eu acho que também que pelo fato de eu ter saído da casa dos meus pais, de conviver com outras pessoas, com outras definições das coisas, e para de ouvir meus pais o tempo todo "é pecado, é pecado, é pecado", isso te abre a mente para outras coisas, né, tem essa questão também, sair do ambiente familiar, sabe?
>
> Eu acho que na época era uma coisa muito biológica, eu odeio usar esse termo, mas acho que era biológico, acho que era do corpo assim, tipo era uma reação natural do corpo, mas que eu não entendia o que era. E hoje em dia eu entendo o que é e eu sei o que é. Eu acho sim que é diferente e eu acho que ficou diferente depois do meu primeiro orgasmo, porque antes eu tocava meu corpo e eu sentia algo, mas eu não sabia descrever. Porque antes aparecia e eu via e ouvia e gostava de ver e tal, mas não tinha um propósito.
>
> Mudou não só o conhecimento do corpo, mas também o conhecimento dos meus gostos, né? As minhas preferências, eu acho. Porque naquela época era o que tinha, né, eu até tinha acesso à internet, mas acho que não era tão fácil a gente ter conteúdos de qualidade, porque hoje se você procurar você tem textos e vídeos bem interessantes. (...) Então eu acho que é isso, as minhas preferências e o conhecimento do meu corpo.
>
> Quando eu comecei a ler sobre pornografia, eu via muito um debate que é assim, é um debate que existe da liberdade da mulher de consumir o conteúdo que ela quiser consumir, desde a pornografia. E o debate que não existe pornô feminista e que é o corpo como objeto e tal, e aí eu fiquei por um tempo muito nessa dualidade assim, sabe? Ainda fico um pouco, da liberdade de assistir o que eu quiser o que eu quiser assistir e do outro lado de que quantas mulheres estão tendo seus corpos como objeto mesmo.
>
> Não lembro o que eu senti. Hoje é muito mais aberto, assim, a gente [família] fala de sexo como uma pauta normal. Mas eu não consigo lembrar assim, mas obviamente não devia ser algo tranquilo, provavelmente não, definitivamente não. Porque, né, minha família tem um resquício bem machista e patriarcal que não acharia normal o consumo de pornografia por mulheres.

Assim, como as impressões e as motivações em relação à pornografia foram modeladas ao longo do tempo no relato dessas mulheres, nos detivemos em nosso estudo no

conhecimento e exploração de tais aspectos. Adiante, seguimos com a descrição da estrutura central da pesquisa operada.

6.1 Motivações

Encontramos uma variedade relativamente grande de motivações para o consumo da pornografia pelas mulheres, mas com muitos pontos em comum.

Quadro 4: Motivações para o consumo da pornografia

Motivação
- Masturbação
- Excitação
- Relaxamento
- Aprendizado
- Fuga da rotina do casal
- Conhecimento de novas posições
- Conhecimento do corpo
- Fuga do tédio
- Imaginação
- Entretenimento
- Alívio do estresse e cansaço
- Alívio de tensão
- Passatempo
- Distração
- Lazer.

Fonte: Elaboração nossa (2021)

A partir da interpretação dos significados de cada termo mencionado pelas entrevistadas, fizemos uma redução das menções para melhor exposição dos resultados. Assim, rotulamos as informações relevantes de acordo com cada significado, distinguindo e unindo termos mais adequados, categorias que se mostraram reveladoras dos motivos para que as mulheres consumissem pornografia.

Quadro 5: Motivações interpretadas

Categoria	Motivação

Aprendizado	Aconselhamento Autoconhecimento
Gerenciamento de Humor	Excitação Entretenimento Relaxamento/Masturbação

Fonte: Elaboração nossa (2021).

6.2 Aprendizado

A pornografia se apresenta como uma espécie de guia onde a entrevistada usaria os conhecimentos adquiridos ou os conselhos sugeridos como referências para novos comportamentos sexuais, para reproduzir cenários, vestimentas, diálogos, ou qualquer outro elemento que possa apoiar o esquema de autoconhecimento e ou de "sedução" do parceiro ou parceira da consumidora da pornografia.

Na aprendizagem, a receptora sente uma sensação de que foi possível adquirir um novo conhecimento e que pode reproduzi-lo de acordo com suas necessidades, sejam elas através do reconhecimento de seu corpo individualmente ou pensando no ato sexual em conjunto com outra pessoa, mas que a contribuição das informações absorvidas da pornografia proporcione uma ampliação de conhecimento direcionado ao prazer.

No que diz respeito ao conhecimento do próprio corpo, as mulheres revelam observar e experimentar novas zonas erógenas, compreender toques e modos pelos quais se sentem excitadas e preparadas para o sexo. O aprendizado da masturbação "eficiente" invariavelmente é mencionado como resultado da aquisição das informações observadas.

> Eu acredito que quando vejo sozinha, o que raramente acontece, mas quando acontece, é também pra saber quais os pontos do meu corpo eu sinto mais prazer e tesão, aí eu falo pro meu parceiro quais um lugares que eu sinto, pra que quando a gente tiver fazendo sexo ele vá direto no ponto.
>
> De 2015 pra cá eu via, mas eu não sabia me masturbar e aí foi em dezembro de 2017 que eu consegui me masturbar através do clitóris, porque antes era só penetração, né? Eu não conseguia sentir… Conhecer meu corpo, só era assim sempre o externo, o outro. Com o vídeo estimula mais do que sem o vídeo.
>
> Eu acho sim que é diferente e eu acho que ficou diferente depois do meu primeiro orgasmo, porque antes eu tocava meu corpo e eu sentia algo, mas eu não sabia descrever assim, e a primeira vez que eu tive um orgasmo foi vendo vídeo e aí

> chegou num ponto que eu não conseguia parar porque eu estava chegando no ápice e eu não sabia “meu deus o que é que está acontecendo?”.
>
> E assim, foi muito diferente porque eu não sabia, não conhecia meu corpo nem nada, eu fiquei obviamente excitada, mas nada que eu tenha conseguido consumar de fato porque eu não me conhecia. Não só o conhecimento do corpo, mas também o conhecimento dos meus gostos, né? As minhas preferências, eu acho.
>
> Eu sempre ficava muito dependente de estar com alguém pra sentir, só que aí eu achei interessante isso [ver vídeos pornográficos] porque eu pensei que agora eu não preciso de ninguém, de estar me humilhando pra ninguém. E aí eu fui me tocando e eu nunca tinha tido orgasmo assim, só com homens na penetração, e aí eu vi que é muito interessante, muito bom, muito diferente.

As entrevistadas ainda destacaram a importância de conhecer o próprio corpo para suas experiências sexuais de maneira geral, enxergando no aprendizado adquirido com a pornografia um forte aliado para a busca do seu prazer, bem como todas as questões que envolvem a sexualidade.

> Se eu tivesse visto pornô antes, eu acho que eu teria conhecido mais meu próprio corpo, saberia mais sobre tudo, porque tem coisas que eu ainda me acho muito leiga, apesar de ser meu corpo e eu ter 25 anos de idade, mas tem coisa assim que se eu ouço o nome e sei o nome eu fico “nossa, é esse o nome que se dá pra isso?” Justamente por não saber. Talvez se eu, sei lá, talvez, se eu conhecesse mais meu próprio corpo, eu acredito que eu não teria engravidado, porque engravidar não era uma opção, mas assim, de tantos tabus, tantas coisas e tudo mais, eu acredito que se eu fosse mais conhecedora de tais assuntos, eu não teria engravidado aos 24 anos, que pra mim é muito cedo.
>
> Mas, no início né, nos meus primeiros contatos com a pornografia também, eu gostava de um pornô que fosse mais violento, sabe? Mais brutal. É, assim, eu acho que uma boa parte do meu consumo, talvez por uma boa parte da minha vida por sexo mais violento, eu tenho certeza que isso vem de ter sido abusada, não estuprada, mas durante a minha infância, e isso acabou colocando no meu subconsciente que o sexo só é desse jeito, né, brutal, violento e pra machucar. Então, esse trauma acabou me trazendo esse desejo, talvez. Hoje em dia eu acho que consegui me livrar mais disso.
>
> É, então, o livrinho eu geralmente leio mais pra mim mesmo, nem sempre acompanhada. Na verdade, assim, talvez sem perceber a questão da profissão tenha a ver porque quando eu entro na vida de um casal pra atender um parto, o parto é uma experiência da sexualidade muito forte daquela mulher, né. O corpo, os hormônios e eu acho que talvez seja um pouco disso também, de tipo eu entender aquele momento, por isso eu busco uma coisa muito mais parecida com o fisiológico, porque eu observo muito as mulheres. Talvez eu tenho interesse também em entender mais essa mulher, né, que tá ali no momento íntimo e aí eu acho interessante ver alguns tipos de filmes que traz essa coisa mais natural, assim.

Em relação à orientação sexual, todas as respostas foram dadas espontaneamente pelas entrevistadas, visto que a pergunta não estava presente no questionário, mas as respondentes sentiram que era uma maneira de justificar, de alguma forma, os conteúdos consumidos.

Vimos, então, uma divisão entre orientações heterossexuais (5), bissexuais (5) e homossexuais[7] (3).

Durante as entrevistas, algumas mulheres relacionaram suas orientações sexuais com o consumo da pornografia, fazendo uma ligação entre a exposição aos conteúdos e as suas "descobertas" por desejos antes não sabidos.

> Por exemplo, descobrindo a minha bissexualidade, assim lá no colégio, conversando com amigo meu, ele também estava saindo do armário e ele falou pra mim "ah, veja um pornô gay pra ver o que você acha" e eu fui ver o pornô gay e falei "ah, gostei, interessante", tipo eu fiquei com tesão vendo dois homens se beijando. E ele disse "ai, veja de duas mulheres pra ver" e eu vi e eu gostei, eu fiquei "velho, são duas mulheres se beijando, transando e eu gostei de ver isso", foi aí que eu pensei "meu Deus, é possível então eu gostar de homem e mulher, será que eu gosto de mulheres?" E foi aí que eu comecei a tentar entender minha sexualidade, então, talvez, sem o esse material, eu teria demorado muito mais pra que isso acontecesse, pra esse meu despertar da sexualidade, sabe?
>
> Eu sempre tive o desejo de saber como é e tal [relação sexual entre duas mulheres] e abriu um leque totalmente diferente de visão na minha cabeça sobre como seria e tal. E aí eu falei "Hum…Acho que eu gosto disso"
>
> Da primeira vez foi meio que uma descoberta porque, apesar das coisas não serem escondidas de mim, não tinha como acessar, como conhecer, como saber, enfim, a primeira vez que eu vi foi meio que matar a curiosidade, né. De, assim, "nossa!". Eu fiquei com aquela impressão de que aquilo era o sexo. Hoje quando eu vejo, eu busco coisas específicas, que eu sei que me excitam porque eu já tenho um conhecimento do meu corpo, da minha sexualidade. Então hoje não é mais uma descoberta, essa é a grande diferença.

A pornografia, de uma forma geral, contribui para a exploração dos gostos pessoais que envolvem o sexo o que consequentemente, contribui para o melhor entendimento da relação sexual com um (a) parceiro (a). Uma vez que essas mulheres entendem o que mais lhe proporcionam prazer, elas podem compartilhar e envolver seus parceiros ou suas parceiras em situações e comportamentos que contribuam para uma melhor experiência sexual.

> Eu sou bissexual, então eu tinha fetiche em tentar usar um dildo para penetrar outra mulher, e aí eu já vi muito vídeo antes de fazer pela primeira vez, assim quando eu estava com curiosidade e com vontade, eu fiquei muito tempo vendo vídeos assim, tipo, indo procurar esse tipo de vídeo para saber como fazer. Por exemplo, agora uma coisa que eu quero fazer muito que é penetrar um homem com um dildo, então eu fico vendo vídeos de inversão pra ver mais ou menos as posições que eu poderia fazer.
>
> Depois que eu perdi a virgindade eu procurava [vídeos] mais pra saber mais, ter mais experiência. Não que as pessoas fazem assim, mas ver o que eu poderia experimentar. Depende muito da pessoa e do quão a fim eu estou da pessoa pra eu experimentar aquilo.
>
> Eu assisto com minha parceira para a gente conversar um pouco sobre aquilo também porque, as vezes pra praticar, mas também pra falar daquilo porque é

[7] Termo indicado pelo Manual de Comunicação LGBTI+ (2018)

> interessante, é um tema que é interessante não só a gente fazer, mas a gente conversar, eu gosto justamente de conversar sobre isso.
>
> Eu assisto alguns vídeos e tento trazer para minha realidade, eu vejo o que vou sentir prazer e posso fazer e o que eu não vou sentir prazer eu descarto.
>
> Por exemplo, quando eu olho uma pornografia de sexo oral, eu fico lá analisando onde é que o cara está passando a língua, de certa maneira o que a mulher sente, na verdade eu vejo os lugares que ele vai e onde ela está sentindo mais prazer e vejo se comigo também é da mesma forma, entendeu?

O consumo por autoconhecimento e aprendizado é uma categoria que se mostra importante por proporcionar à consumidora uma outra relação consigo mesma e a prática sexual a partir de novas referências e perspectivas. A pornografia ressignifica o entendimento das consumidoras em relação ao sexo, prazer, performance, possibilidades de acessórios, apetrechos e ações voltados para o universo do sexo.

6.3 Gerenciamento de humor

A categoria de gerenciamento de humor representa a busca pela experiência do manejo dos níveis de excitação das mulheres. A excitação aqui descrita pode ser convertida em alteração de humor por meio das reações afetivas com o conteúdo consumido e também em desejo sexual produzido pela exposição.

Sendo a excitação um estímulo que eleva o estado inicial de humor da mulher capaz de tirá-la de cenários em que se encontra entediada ou aborrecida com alguma situação, proporcionando mais intensidade na sua alteração de humor. No caso da excitação sexual, quem procura pelos conteúdos pornográficos está interessada em elevar suas reações não apenas afetivas, mas também fisiológicas ao ponto de deixá-la pronta para a prática sexual.

A prática decorrente da excitação sexual pode ser realizada com parceiras e parceiros, mas também através da masturbação individualmente, uma vez que o humor já tenha sido alterado por meio da exposição aos conteúdos e as reações fisiológicas se encaminhem para a excitação desejada.

> A gente [a entrevistada e o companheiro] teve um dia cansativo e estressante e a noite a gente quer transar, mas a gente tá meio desestimulado, aí ele fala “então vamos assistir um vídeo curto pra ver se vai estimular”. Sempre estimula, a gente vai assistindo e olhando o que tão fazendo e fazendo também e daí rola o sexo.
>
> Quando eu assisti acompanhada, tipo, foram poucas vezes, mas foi pra, tipo, excitar mesmo, sabe? Foi realmente “vamos assistir pornô até a gente ficar com tesão e não aguentar mais e vamos transar”.
>
> O motivo é a excitação, a busca de excitação. No momento em que eu busco prazer sozinha eu acesso plataformas gratuitas de vídeos.

> As vezes é porque eu fiquei com vontade mesmo, tipo, eu acordei mais excitada, então vou ver vídeos.
>
> Quando eu assisto com meu namorado, é porque ele gosta de uns vídeos assim bem específicos, bem diferentes do que eu assisto, por exemplo. Então é mais pra ele se excitar e ele quer que eu veja pra que a gente faça igual, assim. Talvez posições, roupa, enfim. E a gente acaba transando.
>
> Hoje quando eu vejo, eu busco coisas específicas, que eu sei que me excitam porque eu já tenho um conhecimento do meu corpo, da minha sexualidade. Então hoje não é mais uma descoberta, essa é a grande diferença. Hoje é a busca só realmente de coisas que me agradam.
>
> Quando a gente tá no momento íntimo [entrevistada e a companheira] e aí quero começar a entrar no clima, aquela coisa. A gente pega uma coisa mais assim, que tenha uma história, um cinema digamos, também a gente pega filme da Netflix que tenha uma história e que tenha cenas mais picantes também, seria uma forma de pornô também, eu acredito.

A motivação por excitação acontece a partir do desejo de induzir uma alteração significativa do humor, saindo de um estado indesejável, para outro que proporcione prazer à consumidora. Quando a motivação acontece por entretenimento, as mulheres consomem os conteúdos como uma forma de preencher um espaço no seu cotidiano e podem se expor à pornografia ao mesmo tempo em que realizam outras tarefas. Assim como outros produtos midiáticos como a telenovela, filmes não pornográficos ou telejornal, a pornografia também é uma opção para consumo sem necessariamente significar a busca pelo sexo e pela satisfação através do orgasmo.

O entretenimento entendido através das respostas é o do trato dos conteúdos como outro qualquer, não havendo uma visão de que a pornografia deve ser utilizada apenas para fins sexuais, mas que pode funcionar como um conteúdo que ajuda a consumidora desses conteúdos a gerenciar seu humor e, consequentemente, se entreter.

> Eu vejo apenas vídeos e é mais como forma de entretenimento. É, literalmente é uma forma de entretenimento. Acho que tipo, pra mim é uma coisa muito simples. Por mais que seja uma forma de entretenimento um pouco sádica. Eu acho um pouco sádica. Mas tipo, é uma coisa que mexe bastante com meu intelecto e que… não sei… mexe, sabe? Não consigo parar de ver.
>
> Eu não tenho assim uma motivação, acho que quando eu tô em casa sozinha, não tem nada pra fazer. De manhã eu fico sozinha e faço as coisas de casa, só que assim, tenho tido um problema com insônia e acordo muito cedo e geralmente eu opto por não dormir depois porque me dá muita preguiça, e como eu trabalho de auxiliar de produção, eu preciso estar atenta o tempo inteiro. E nesse período que eu tenho ficado sozinha em casa, eu tenho lido muito, não só pornografia. Mas a pornografia eu confesso que prende mais a minha atenção.
>
> Normalmente quando eu tô em casa sem fazer nada, ou então enquanto eu tô esperando baixar um jogo ou um filme de outro conteúdo. Aí eu assisto hentai enquanto fico esperando baixar. Não tem nenhum gatilho específico não.

> Eu costumo ver quando estou em algum momento assim de distração que eu tô pra lazer mesmo, pra me distrair e aí geralmente eu tô acompanhada e acabo vendo junto com minha companheira. Depois a gente conversa sobre. A gente busca não consumir muita coisa do tradicional porque a gente entende que não contempla a nossa forma de amar mesmo, por exemplo, o sexo entre duas mulheres no pornô clássico é muito caricato, que não representa de fato. Quando a gente acessa, as vezes, um pornô mais tradicional, a gente até começa a falar "olhe, que doidera esse pornô", não tem nada a ver, a gente começa a dar risada e vira uma comédia.
>
> Em geral eu vejo mais quando eu tô sozinha, eu prefiro, tipo assim, eu não tenho problema de ver com outra pessoa em casa, por exemplo, mas eu me sinto mais confortável. Eu percebo que tenho períodos do meu ciclo menstrual que eu vejo com mais frequência, geralmente antes de menstruar e depois de menstruar. Então, eu não sei, é muito quando eu sinto vontade mesmo.

Pode-se perceber que escolher a pornografia significa que as mulheres sentem satisfação ao se expor aos conteúdos, consideram os materiais suficientes para que não precisem buscar outros programas para preencher o tempo em que estão sozinhas ou buscando um conteúdo agradável e confortável.

No caso das entrevistadas que apontaram a masturbação/relaxamento como principal motivação, geralmente, a procura pelo relaxamento vem através do ato de se masturbar. É uma forma de aliviar estresse, tensão do dia-a-dia, ansiedade, sair do tédio ou apenas relaxar para auxiliar momentos antes de dormir ou também repor energia para se manter durante o dia.

> As vezes eu tô me sentindo meio tensa e os vídeos me ajudam a ficar menos tensa, relaxar o corpo. Eu consigo me masturbar sem nada e ter orgasmos, mas facilita muito. Os orgasmos com vídeos, não que são melhores, nem piores, eu não tenho essa diferença, mas é mais fácil excitar com os vídeos, sabe?
>
> Leio quando eu tô sozinha e me relaxa depois que eu gozo, né? Porque aí vem aquele pico e me relaxa e eu acabo dormindo ou vou fazer minhas coisas, depende do momento que eu estou assistindo ou lendo.
>
> Eu acho que é vontade de ter orgasmo mesmo. Assim, se eu tiver muito ansiosa é todo dia. Mas, geralmente é assim, duas vezes na semana.
>
> Pra masturbação. Geralmente a noite ou nos dias em que minha libido está bem alta.
>
> É sempre que eu tô muitos estressada, muito cansada também. Não é algo que me alivia cem por cento, mas é algo que consegue assim aliviar boa parte, sabe?
>
> Depende um pouco de como eu esteja. Assim, eu corro, então se eu consigo manter minha rotina de exercício físico eu não assisto pornô com uma grande frequência. Agora, se eu não consigo me exercitar, eu utilizo mais o pornô pra me relaxar.
>
> O relaxamento é o principal. Então, se eu preciso fazer algo, e aí eu tô deitada e coloco na cabeça "eu vou fazer tal coisa depois que eu me masturbar", mais ou menos isso.
>
> Acontecia de ser sempre a noite porque eu estava trabalhando o dia inteiro e era mais uma questão do relaxamento mesmo, sabe? Um dia estressante ou então eu já falei com alguém que tenho interesse e estou com tesão.

> Depende do momento. Assim, eu gosto muito do erótico normalmente, mas o pornográfico tem lá os seus momentos, quero esvaziar a mente, quero relaxar e é isso. Então depende do momento.

A busca pelo relaxamento acontece com a escolha de conteúdos que facilitem a masturbação e, consequentemente, o orgasmo. A alteração de seu humor provocada pela pornografia, como a saída de um estado de alerta ou tensão, passa também pela dedicação na escolha dos conteúdos, sendo buscados aqueles que não desagradem a consumidora ou dificulte o caminho para que se chegue ao estado de relaxamento pretendido.

7 DISCUSSÃO DE RESULTADOS

As categorias encontradas nos resultados das entrevistas nos mostram que as mulheres reconhecem diferentes motivações para o seu consumo de pornografia. Não apenas o anseio do incremento da busca do gozo sexual é o fator que as leva até os conteúdos, mas a busca do conhecimento aprofundado dos seus desejos particulares e do próprio corpo, a alteração do estado de humor por meio da excitação e arrefecimento do estado de espírito proporcionado por esses conteúdos, são as motivações desveladas pelas entrevistadas para que elas se exponham aos conteúdos pornográficos.

Dentro dos motivos por aprendizagem e por gerenciamento de humor, é possível visualizarmos que a exposição tem relação direta com o estilo de vida de cada uma quando elas trazem exemplos como o uso da pornografia em seus relacionamentos, trabalho, substituição de atividade cotidiana ou mesmo como passatempo. A escolha da pornografia inclusive baseia-se na visão da sexualidade como uma forma de escolha cultivada, desenvolvida por preferências e contexto de vida. Assim, tais contextos, com os seus enquadramentos, são fôrmas que modelam os significados do comportamento de consumo da pornografia, sua aceitação ou refutamento, seu policiamento e eventual aprendizagem de novas crenças e comportamentos incorporados no cotidiano das entrevistadas.

Como forma de reflexão dos achados encontrados nesse projeto investigativo, buscamos, segundo a indicação da Teoria Fundamentada em Dados, em um trabalho agora dedutivo-indutivo, publicações que privilegiaram as motivações do consumo da pornografia como forma de verificação da consistência de ideia confluentes e conflitantes desenvolvidas por nós. A perspectiva dos trabalhos realizados por meios de Usos e Gratificações e a escolha do público composto apenas por mulheres não foram encontrados, entretanto, a abertura da busca de trabalhos que englobavam os conceitos do consumo da pornografia pelo viés das motivações foram verificados.

Encontramos em nosso trabalho de revisão narrativa de literatura, seis estudos que de alguma forma se aproximavam do objeto do nosso trabalho de pesquisa: “My IPhone Changed My Life”: How Digital Technologies Can Enable Women’s Consumption of Online Sexually Explicit Materials (MCKEOWN; PARRY; LIGHT, 2017); Gender, Sexual Affect, and Motivations for Internet Pornography Use (PAUL; SHIM, 2008); Women’s Experiences of Pornography: A Systematic Review of Research Using Qualitative Methods (ASHTON; MACDONALD; KIRKMAN, 2017); The Porn Gap: Differences in Men’s and Women’s

Pornography Patterns in Couple Relationships (CARROLL et al, 2016); Pornography Use: Who Uses It and How It Is Associated With Couple Outcomes (POULSEN; BUSBY; GALOVAN, 2013) e What do People do With Porn? Qualitative Research (ATTWOOD, 2005).

Quando analisamos as motivações por gerenciamento de humor, dividimos as respostas entre excitação sexual, entretenimento e relaxamento dos estados de espírito. De um modo geral, no nosso trabalho percebemos que a busca da pornografia é motivada pela alteração de um estado inicial de humor e a preparação para o sexo. Dessa forma, as receptoras selecionam conteúdos pornográficos baseando sua escolha sobre suas avaliações dos estímulos que as trariam para um equilíbrio interno, ou mesmo para a preparação da prática sexual, isso porque, os conteúdos se conectam com a possibilidade de fazer com que as receptoras escapem emocionalmente dos seus respectivos estados de excitação indesejável ou os ponham no estado de excitação sexual.

Essa mesma condição é percebida no estudo de Paul e Shim (2008), quando as mulheres participantes afirmam que a fuga do seu estado de humor inicial é relatada como necessidade por entretenimento, distração, melhora do humor, e tem como finalidade, um reequilíbrio interno, sobretudo, em função da "experimentação de reações afetivas" (PAUL e SHIM, 2008, p. 190, tradução nossa).

Dessa forma, receptoras aborrecidas e entediadas usam a pornografia para estimular sua disposição de humor inicial para um estado mais intenso. Nas palavras de Paul e Shim,

> as pessoas usam pornografia na Internet para gerenciamento de humor. A pornografia na Internet pode ser uma ajuda visual para olhar enquanto se masturba ou pode fornecer entretenimento para as pessoas que estão entediadas e/ou deprimidas" (PAUL; SHIM, 2008, p. 196, tradução nossa).

No estudo qualitativo de McKeown, Parry e Light (2017), a proposta era a investigar o uso de tecnologias por mulheres para o consumo de pornografia, se tornando o mais aproximado ao que realizamos por se ater ao mesmo público consumidor. Os resultados desse estudo também demonstraram que as mulheres consomem a pornografia para o gerenciamento de humor quando o objetivo é o alívio do estresse, da ansiedade e o relaxamento. As autoras afirmam:

> Megan compartilhou: "Eu pessoalmente preciso gozar várias vezes por semana, caso contrário, fico irritada, mal-humorada e não tenho paciência". Sara também compartilhou, "Bem, me ajuda a viver, me faz uma pessoa mais feliz, com certeza". Com relação ao alívio do estresse, Sara explicou, "(...) é bom para liberar a tensão e

> é bom para o fluxo sanguíneo, então é bom para tudo (...)". Zoe também compartilhou, "Eu uso pornografia como alívio da ansiedade". Para Emma, ela explicou como ela usa pornografia para relaxar: "Hoje eu não estou trabalhando e só quero relaxar, então é isso que eu faço." Considerando que Megan compartilhou como, além de consumir material pornográfico para prazer e relaxamento, ela consome esses materiais para escapar. Ela explicou: "Isso meio que tira minha mente da realidade". (MCKEOWN; PARRY; LIGHT, 2017, p. 346, tradução nossa).

A pornografia pode proporcionar as estressadas, estímulos neutralizadores dos seus estados de tensão e a redução do seu nível de perturbação. Assim, observamos nas mulheres que relataram a busca por relaxamento a necessidade de sair de níveis de excitação, estresse ou agitação provocada por situações cotidianas como conflitos, trabalho ou outros fatores que as exijam atenção em demasia. Segundo Zilmann (1985),

> estressados acabam no geral por escolher programas cujos estímulos são percebidos como neutralizadores dos seus estados de tensão (ainda se acusa em destaque as reações afetivas), isso segundo a lógica de que certos conteúdos podem ocasionar um efeito subjetivamente calmante como um conteúdo romântico, fantasioso, musical, ou qualquer um que subjetivamente proporcione a redução do seu nível de perturbação (ZILLMANN, 1985 apud FERREIRA, 2015, p. 159-160).

Ao apontar o uso da pornografia para a preparação para o sexo, as mulheres do nosso estudo identificam nos conteúdos o estímulo necessário tanto para realizar a masturbação, quanto para efetuar a relação sexual com parceiras ou parceiros. Assim, a pornografia é um produto auxiliar da prática do sexo e da necessidade de satisfação dos desejos sexuais.

Alguns estudos trazem a necessidade de satisfação dos desejos sexuais através da pornografia como sendo um fator diretamente relacionado a insatisfação com o desempenho sexual de parceiros ou parceiras. Paul e Shim (2008, p. 188) apontam que "indivíduos que não têm parceiros sexuais satisfatórios podem se voltar para a Internet como um meio para suprir necessidades sexuais", Poulsen, Busby e Galovan (2013, p. 82) nos dizem que "parece perfeitamente razoável que indivíduos insatisfeitos em suas relações sexuais, por seja qual for a razão, podem recorrer a meios alternativos, como uso de pornografia, para satisfazer seus desejos ou necessidades sexuais". Essa relação direta com a insatisfação sexual com outra pessoa não aparece em nosso estudo, mas sim o uso da pornografia como auxiliar nas relações com parceiras e parceiros.

No entanto, McKeown, Parry e Light (2017, p. 346) trouxeram resultados que indicaram o uso da pornografia para a satisfação de necessidades sexuais que se aproximaram de nossa pesquisa. Mostrando como a liberdade de poder consumir os conteúdos nos mais diferentes formatos, trouxe melhorias para o gerenciamento de humor das consumidoras, dando a elas a possibilidade de estímulo ao se exporem a pornografia.

Durante a análise dos trabalhos anteriores, a falta de recorte específico para o consumo das mulheres nos levou à analises comparativas sobre a excitação de homens e mulheres. Paul e Shim (2008) mostram que nos estudo de Fisher (1983), os resultados apontaram para um menor envolvimento das mulheres com a pornografia quando comparada aos homens, mas que "elas sentem um nível similar de excitação depois de serem expostas" (PAUL; SHIM, 2008, p. 189, tradução nossa).

O que podemos observar também sobre o uso da pornografia como elemento de preparação para o sexo é a capacidade de criar diálogos entre os casais que se utilizam deste subterfúgio. Esse ponto é uma intersecção ente as motivações de gerenciamento de humor e de aprendizado, pois possibilita o consumo entre casais para o estímulo sexual e constrói uma ponte para se pensar a satisfação sexual do casal, do parceiro ou parceira.

Essa intersecção é observada por pares que consomem os conteúdos pensando em satisfazer seus parceiros e parceiras ou na melhoria do relacionamento. As mulheres que explicitamente usam a pornografia buscando aprimorar seu relacionamento sexual tendem a relatar o encontro de uma ferramenta para facilitação da comunicação sobre seus gostos e preferências sexuais (DANEBACK; TRAEEN; MANSSON, 2009 apud CARROLL et al, 2016, p. 03, tradução nossa).

Paul e Shim (2008) afirmam que o uso da pornografia para o diálogo dentro dos relacionamentos sugere que "ver pornografia fornece a algumas pessoas uma oportunidade de se aproximarem socialmente" (PAUL; SHIM, 2008, p. 196, tradução nossa), mostrando que a pornografia pode ultrapassar os limites do sexo e construir uma relação ainda maior entre casais. Assim, um dos objetivos da aplicação do consumo em conjunto também é o de construção e preservação do relacionamento, uma vez que esta prática consolidaria o conhecimento das preferências do par. Tais ideias confluem em consonância entre os nossos resultados e estudos encontrados sobre o tema.

Em foco das motivações identificadas em nosso estudo, também identificamos como categoria basilar do consumo da pornografia, o aprendizado ou aconselhamento das questões sexuais. Outros trabalhos como o de McKeown, Parry e Light (2017), demonstram que a busca por autoconhecimento, novas práticas sexuais, fetiches, posições ou possibilidades no sexo são buscas direcionas ao conteúdo pornográfico.

> Para muitas mulheres, explorar seus próprios interesses sexuais também envolvia aprender com a pornografia online que consumiam. Como Emma explicou, "isso me

> dá ideias, como uma posição que eu gostaria de tentar ou outra coisa que eu gostaria de tentar para ver se consigo fazer isso". Ao assistir pornografia online, ela considerou: "Posso fazer isso? Isso realmente me excitou". Nora, ao falar sobre seu consumo online menciona que "tudo o que aprendi que era novo, certamente veio daí. Acho que nas gerações anteriores as pessoas aprenderam muito com seus amigos fofocando ou conversando. Mas, tudo que aprendi veio daí". (MCKEOWN; PARRY; LIGHT, 2017, p. 347-348, tradução nossa).

A pornografia é aqui tida como uma possibilidade de compreensão da atividade e das relações sexuais, das concepções físicas e afetivas, da experiência de excitação, e das potenciais atitudes a serem adotadas, refutadas e adaptadas em relação ao universo sexual. Ainda no estudo de McKeown, Parry e Light (2017), as autoras trouxeram o uso da pornografia como uma possibilidade de se discutir os limites dentro do sexo com parceiros e parceiras, que é um ponto que também foi citado pelas mulheres do nosso estudo.

> Além de consumir pornografia online para explorar desejos e interesses sexuais em um relacionamento, as mulheres falaram sobre consumi-la para negociar limites em relacionamentos sexuais. Por exemplo, Molly explicou: "acho mais fácil negociar sexo em relacionamentos se houver sexo de outra pessoa acontecendo. Eu ficaria tipo, 'isso seria muito difícil para mim, a propósito'. Tira isso do meu parceiro e coloca em algo que é separado de nós para que ninguém sinta que está estragando isso para a outra pessoa ou algo assim". Da mesma forma, Sophia compartilhou, "é muito mais fácil olhar para alguém fora do seu relacionamento e dizer 'veja essa pessoa fazendo algo que eu não acho atraente', em vez de dizer 'você está fazendo algo'. É uma ferramenta". (MCKEOWN; PARRY; LIGHT, 2017, p. 348, tradução nossa).

Outro fenômeno decorrente do consumo por autoconhecimento é a comparação entre os corpos. As entrevistadas trouxeram a preocupação com a representatividade da imagem de mulheres que se aproximam aos seus perfis, fugindo da estética da mulher magra, siliconada entre outros. Essa mesma preocupação aparece em estudos como o de Eck (2003) e Cavaglion e Rashty (2010), em que mulheres se diziam frustradas por não terem os corpos iguais aos das atrizes da pornografia e, portanto, apresentavam baixa autoestima e outros problemas relacionado a suas práticas sexuais.(ASHTON; MCDONALD; KIRKMAN, 2017, p. 09; ATTWOOD, 2005, p. 74).

Não coincidentemente, essa preocupação com a representação dos corpos tem forte relação com as discussões feministas trazidas no início da investigação, onde o modelo hegemônico de produções voltadas para um público masculino e heteronormativo é questionado pelas consumidoras. Tal contexto justifica a compreensão da necessidade de se buscar produções alternativas que contemple novas concepções do prazer feminino. Nesse sentido, Ciclitira (2002, p. 194 apud ATTWOOD, 2005, p. 77) nos mostra como a pornografia pode aumentar ou limitar as opções para a sexualidade dessas mulheres para um

comportamento “normal, saudável, divertido e valorizado” e que tais comportamentos de uso e reflexão motivados por autoconhecimento não deixam de ser um modo de construção das suas identidades sexuais.

Perceber como os estudos correlatos ao nosso objeto de pesquisa refutam e ou ratificam nossos achados de pesquisa, nos ajudam a consolidar nossa hipótese teórica elaborada. A constante comparação com o uso feito pelos homens da pornografia e a presença de dados que relatam o afastamento das mulheres desses conteúdos, é um indicador de que elas ainda não são tratadas como público específico da pornografia. Adicionalmente, é possível notar que outras motivações para o consumo da pornografia são relatadas, e a maneira como a mulher lida com a pornografia é de fato diversa. Nesse contexto, apenas com adicionais pesquisas dedicadas a esse público específico, para afeito de comparação, é que poderemos ter uma visão mais profunda e ampliada do fenômeno social e cultural do consumo de pornografia pelas mulheres.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais não poderiam começar de outra forma, se não fazendo uma pontuação das dificuldades de se fazer pesquisa em um momento de pandemia mundial. Entendendo o contexto atípico não só para pesquisadores como para toda a população, a fragilidade emocional que é enfrentada também esteve presente nas falas das entrevistadas. Contudo, falando especificamente sobre a pornografia, o aumento do consumo no período de isolamento foi uma pauta de importante destaque e que merece mais atenção de estudos futuros.

Ainda sobre a pandemia, a dificuldade de se conseguir realizar uma maior quantidade de entrevistas foi um ponto que, muito provavelmente tenha impactado o resultado final do estudo, no sentido de que a possibilidade de um número maior de entrevistas poderia nos dar, eventualmente, maior diversidade e mais riqueza de discursos. Ainda assim, devemos reconhecer que não houve falta de interesse por parte das entrevistadas, de realizar as entrevistas, mas houve uma dificuldade logística por parte daquelas que enfrentaram a pior parte do Covid-19 no dia-a-dia, nos impossibilitando de extenuar a saturação amostral.

Prova desse interesse foi o grande quantitativo de respondentes do questionário inicial, onde muitas características mais objetivas puderam ser observadas. Como o objetivos desse estudo era o de explorar as motivações para o consumo de pornografia, a questão dos perfis das consumidoras que se dispuseram a responder o questionário pode ser melhor explorada em outro momento, mas as informações não serão perdidas ao longo do tempo. Há um interesse, como pesquisadora, de dar continuidade nas discussões e nas formulações acerca do tema.

A premissa era de que as mulheres consumiam pornografia por motivos diversos do que se imagina o senso comum, que indica um consumo direcionado apenas para a busca do prazer sexual. A premissa foi identificada e comprovada, os resultados apontaram para um consumo por motivações de aprendizado, em que as mulheres obtinham autoconhecimento sobre seus desejos, seus corpos, e seus relacionamentos.

Também, motivos como o gerenciamento de humor, com o objetivo do alcance de relaxamento, entretenimento, ou a excitação para o gozo ou sexo. O sexo e o prazer sexual são o plano de fundo das motivações, mas não apenas esse é o objetivo, existe uma ligação com outros motivos, como o relaxamento, por exemplo, que poderiam ser buscados com outros conteúdos, mas a pornografia cumpre a função e satisfaz a necessidade da consumidora.

A relação entre pornografia e feminismo foi pontualmente trazida pelas entrevistadas, em que algumas atribuíam o desconforto ao consumir materiais das chamadas produções *mainstream* com o machismo, sendo reproduzido nos conteúdos por meio do sexo violento, ou da objetificação da mulher. Algumas entrevistadas foram categóricas ao trazerem a questão da representação dos corpos nos conteúdos consumidos, tendo um maior conforto ao encontrarem materiais que fossem mais próximos aos seus biótipos ou que também fossem mais representativos na proximidade com seus desejos e fetiches.

Outra questão importante sobre o feminismo e a pornografia foi o da visão de cada mulher que se colocou como pertencente a uma corrente específica do feminismo. Como por exemplo, uma entrevistada que se reconheceu enquanto feminista marxista e pró-pornografia, não se sentia a vontade para consumir conteúdos que traziam a relação de poder patrão – empregada, assim como a entrevistada seguidora da corrente do feminismo negro se atentava na hora do consumo para não ser exposta a conteúdos que reforçassem o racismo e a objetificação das mulheres negras.

O que nos leva a refletir sobre a contribuição do feminismo pró ou antipornografia, sendo ambas importantes para a construção do pensamento e da visão das consumidoras atuais. As formulações, conceitos e opiniões emitidas na década de 1980, ainda têm força e foram adaptadas ao contexto atual de consumo dos materiais pornográficos. Isso também é refletido no fazer pornografia, onde novas produções se propõem a trazer um pensamento mais crítico sobre os materiais produzidos, mas sem abandonar a ideia de que as mulheres também precisam consumir o que lhes desperte, incentive e construa o prazer.

Também foi possível perceber a repressão moral do consumo das mulheres entrevistadas quando o histórico familiar foi lembrando em suas falas, onde muitas delas passaram a consumir os conteúdos após se considerarem independentes e poderem se expor de forma privada e discreta, sem o julgamento construído a partir de bases conservadoras ou religiosas. Muitas delas apontaram o caminho das produções alternativas e voltadas para a mulher como uma forma de sanar esses problemas e de levar mais mulheres ao consumo de pornografia.

A questão moral não é uma novidade quando trazemos as mulheres como consumidoras de pornografia, sendo mostrado no início deste estudo a tentativa de criação de leis e códigos onde as mulheres fossem privadas do acesso a esses conteúdos. Os resquícios ainda podem ser notados na sociedade atual, principalmente com o reforço constante dos dogmas religiosos que se opõem a exposição dos indivíduos aos materiais pornográficos, independente do gênero, mas que colocam um peso maior quando a mulher é o centro da questão.

Conhecer os motivos pelos quais as mulheres se expõem à pornografia traz uma nova perspectiva de olhar para as relações de consumo. Entendendo que as mulheres procuram os conteúdos de forma ativa e consciente, e que essas escolhas se baseiam nos seus contextos sociais, psicológicos ou situacionais para a exposição, percebemos que os significados extraídos desse material são de fato múltiplos e relevantes.

REFERÊNCIAS

ABREU, Nuno Cesar. **O olhar pornô:** A representação do obsceno no cinema e no vídeo. Mercado das Letras, Campinas - SP, 1996.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. Coleção Primeiros Passos. Abril Cultural/Brasiliense, 1981.

ASHTON, Sarah; MCDONALD, Karalyn; KIRKMAN, Maggie. Women's Experiences of Pornography: A Systematic Review of Research Using Qualitative Methods. The **Journal of Sex Research**, setembro, 2017, p. 1-14.

ATTWOOD, Feona. What do people do with porn? Qualitative research into the consumption, use and experience of pornography and other sexually explicit media. **Sexuality & Culture**, v. 9, n. 2, p. 65-86, 2005.

BAKKER, Piet; TAALAS, Saara. The Irresistible Rise of Porn: The Untold Story of a Global Industry. **Observatório (OBS*) Journal**, v. 1, n° 1, 2007, p. 99 - 118.

BALTAR, Mariana; BARRETO, Nayara. As pornificações de si em Diário da putaria. **Crítica Cultural – Critic**, Palhoça, SC, v. 9, n. 2, p. 265-278, jul./dez. 2014.

BALTAR, Mariana. Corpos, pornificações e prazeres partilhados. **Revista de la Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual**, n.18, p. 564 – 588, 2018.

BLUMLER, J.; KATZ, E.. **The uses of mass communications: Current perspectives on gratifications research.** Beverly Hills: Sage Publications, p. 19-32 e 167-196, 1974.

CARROLL, J. S. et al.. The porn gap: differences in men's and women's pornography patterns in couple relationship. **Journal of Couple & Relationship Therapy**, v. 0, n. 0, p. 1-18, 2016.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. A era da informação: Economia, Sociedade e Cultura. Tradução de Roneide Venancio Majer. Vol. 1, 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CHARMAZ, K. **Constructing Grounded Theory**. A Practical Guide Through Qualitative Analysis. London: Sage Publications, 2006.

CICLITIRA, K.. Researching pornography and sexual bodies. **The psychologist**. v. 15, n. 4, p. 191-194, 2002.

DANEBACK, K.; TRAEEN, B.; MANSSON, S. A.. Use of pornography in a random sample of Norwegian heterossexual couples. **Archives of Sexual Behavior**, n. 38, p. 746-753, 2009.

DIAZ-BENITEZ, María Elvira**. Nas redes do sexo:** os bastidores do pornô brasileiro. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/pornografia/> Acesso em: 21 de set. 2020.

EDWARDS, David M.. Política e Pornografia: uma comparação das conclusões da Comissão do Presidente e da Comissão Meese e a resposta resultante. **Wayback Machine,** 25 de agosto

de 2009. Disponível em: < https://web.archive.org/web/20090825002802/http://home.earthlink.net/~durangodave/html/writing/Censorship.htm>Acesso em: 20 de set. 2020.

ESSER, Frank. **History of Media Effects.** The International Encyclopedia of Communication, 2008, p. 2891-2896.

FEITO POR ELAS 73: **Bárbara Hammer**. Entrevistadoras: Isabel Wittmann e Camila Vieira. Entrevistada: Carol Almeida. 15 mai. 2019. Podcast. Disponível em: https://feitoporelas.com.br/feito-por-elas-73-barbara-hammer/. 21 de set. 2020.

FERNANDES, Ana Luiza Ramos. **Um olhar sobre a pornografia:** teoria e perspectivas jurídicas. 2017, p. 1 – 72. Monografia – Pontíficia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2017.

FERREIRA, Raquel Marques Carriço; FELIZOLA, Matheus. Grounded Theory: uma experiência metodológica. **Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social**, v. 03, p. 12-17, 2012.

FERREIRA, Raquel Marques Carriço. **Exposição da Audiência aos Meios: Avanços da abordagem de Usos e Gratificações.** Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 23, n° 1, 2016.

_____. Telenovelas brasileiras e portuguesas: padrões de audiência e consumo. Aracaju: Edise, 2015.

_____. **A experiência da audiência das telenovelas em Portugal:** um modelo a partir da teoria fundamentada em dados. 2010. Dissertação – Universidade Nova Lisboa, p. 1 – 339, Lisboa, 2010.

FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. **Mediações**, Londrina, v. 14, n. 2, p. 11 – 33, julho/dezembro, 2009.

HANNABUSS, Stuart. **Research Interviews**. New Library Word, v. 97, n. 1129, p. 22-30, 1996.

LASER, Victor. Erika Lust: "veo el pornô como uma herramienta de educación". **Jot Down.** 29 de novembro de 2012. Disponível em: < https://www.jotdown.es/2012/11/erika-lust-veo-el-porno-como-una-herramienta-de-educacion-de-influencia-de-politica/> Acesso em: 20 de set. 2020.

LAVADO, Thiago. Uso da internet do Brasil cresce, e 70% da população está conectada. **G1**. Economia. 28 de agosto de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/08/28/uso-da-internet-no-brasil-cresce-e-70percent-da-populacao-esta-conectada.ghtml> Acesso em: 27 de ago. 2020.

MACNAMARA, Jim R. **Mass Media Effects:** A review of 50 years of media effects research. CARMA International, 2007.

MARI, Angelica; ARBEX, Gabriela. A falta de acesso a internet aumenta a desigualdade social, diz Andrew Sullivan da Internet Society. **Forbes.** 20 de abril de 2020. Disponível em: https://forbes.com.br/forbes-tech/2020/04/a-falta-de-acesso-a-internet-aumenta-a-desigualdade-social-diz-andrew-sullivan-da-internet-society/ Acesso em: 13 de abril de 2021.

MARTEL, Frédéric. **Mainstrem:** a guerra global das mídias e das culturas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MCELROY, Wendy. **A woman's right to pornography.** St. Martin's Press, NY, 1997.

MCKEOWN, J. K. L.; PARRY, D. C.; LIGHT, P.. My iPhone changed my life: how digital Technologies can enable women's consumption on online sexually explicit materials. **Sexuality & Culture**, v. 22, p. 340-354, 2017.

MCQUAIL, Denis e WINDAL, Sven. **Communication Models for the study of Mass Communication**. 2ed. New York: Longman, 1993.

MENEZES, Gizeli Bertollo. **Usos e Gratificações:** Uma revisita à Teoria que deu um novo impulso aos estudos de recepção. In: SOUZA, Rose Maria Vidal de; MELO, José Marques de, MORAIS, Osvando J. de. Teorias da Comunicação: Correntes de Pensamento e Metodologia de Ensino. São Paulo: Intercom, 2014.

MONTEIRO, Luís. **A internet como meio de comunicação:** possibilidade e limitações. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, p. 27 – 37, Campo Grande, 2001.

MURARO, C.. 22 milhões de brasileiros assumem consumir pornografia e 76% são homens, diz pesquisa. **G1,** [S. l.], 17 de maio de 2018. Disponível em: https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assumem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa.ghtml. Acesso em: 01 de jan. 2020.

ORENSTEIN, J.. O que os dados de uma década dizem sobre o consumo de pornô na internet. **Nexo Jornal,** [S.l.], 19 de jun. de 2017. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/06/19/O-que-os-dados-de-uma-d%C3%A9cada-dizem-sobre-o-consumo-de-porn%C3%B4-na-internet Acesso em: 01 de jan. 2020.

PALMGREEN, P,; WENNER, L.; ROSENGREN, E. Uses Gratifications Research: The Past ten years. In: ROSEGREN, E.; WENNER, L,; PALMGREEN, P. (Eds.). **Media Gratifications Research**. Beverly Hills: Sage Publications, p. 11-37, 1985.

PAUL, B.; SHIM, J. W.. Gender, Sexual Affect, and Motivations for Internet Pornography Use. **Journal of Sexual Health**, v. 20, p. 187-199, 2008.

PLAYBOY. Disponível em: <https://www.playboy.com/about> Acesso em 25 de ago. 2020.

POULSEN, Franklin O.; BUSBY, Dean M.; GALOVAN, Adam M. Pornography Use: who uses it is associated with couple outcomes. **The Journal of Sex Research**. Londres, p. 37 – 41, 2012.

PRECIADO, Paul B**. Manifesto Contrassexual.** São Paulo, 1ª edição, 2000.

RIBEIRO, Anderson Francisco. A pornografia brasileira e a memória esquecida: revistas eróticas e pornográficas na ditadura militar (1964-1985). **Patrimônio e Memória**, v. 12, n. 1, Unesp, São Paulo, p. 286 – 307, janeiro/junho, 2016.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis, Vozes, 1976.

SANTANA, Léa Menezes; RUBIM, Lindinalva da Silva. **Feminismo e Pornografia:** distanciamento e aproximações possíveis. 17º Encontro Nacional da Rede feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre a mulher o relações de gênero. Universidade Federal da Paraíba, p. 636 – 648, 2012.

SONTAG, Susan. **A Vontade Radical**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. Porto, 2ª ed, 2006.

TRINIDAD, A,; CARRERO, V.; SORIANO, R. M. **Teoría Fundamentada "Grounded Theory":** La Construcción de la teoria através del análisis interpretacional. Madrid: CSI Cuadernos Metodológicos n. 37, 2006.

UROFSKY, Melvin I. **Defending Pornography**: free speech, sex, and the fight for women's rights. University of Richmond Law Review, 1995, V. 29, p. 400 – 420.

VALENTE, Jonas. Quase metade do planeta ainda não tem acesso à internet, aponta estudo. **Agência Brasil.** 28 de setembro de 2019. Disponível em: < https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-09/quase-metade-do-planeta-ainda-nao-tem-acesso-internet-aponta-estudo> Acesso em: 27 de ago. 2020.

WILLIAMS, Bernard. **Obscenity and Film Censorship.** Cambrifge University Press, p. 1 – 234. Cambridge, 2015.

WILLIAMS, Linda. **Hard Core:** Power, Pleasure, and the "Frenzy of the Visible". Califórnia, 1999.

XCONFESSIONS. Disponível em:< https://xconfessions.com/ > Acesso em: 25 de ago. 2020.